



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

RAFAELA DO NASCIMENTO NÓBREGA

**DA ROSA AO ESPINHO: A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO-  
MULHER EM *AS BRUMAS DE AVALON***

CAMPINA GRANDE  
AGOSTO DE 2017

RAFAELA DO NASCIMENTO NÓBREGA

DA ROSA AO ESPINHO: A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO-  
MULHER EM “AS BRUMAS DE AVALON”

Monografia de conclusão de curso apresentada ao  
Curso de Letras – Língua Portuguesa, da  
Universidade Federal de Campina Grande, como  
requisito parcial à sua conclusão.

Orientadora:

Profa. Dra. Maria Angélica de Oliveira

CAMPINA GRANDE

AGOSTO DE 2017

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

N754d Nóbrega, Rafaela do Nascimento.  
Da rosa ao espinho : a constituição do sujeito-mulher em “As brumas de Avalon” / Rafaela do Nascimento Nóbrega. – Campina Grande, 2017.  
66 f.

Monografia (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2017.

"Orientação: Profa. Dra. Maria Angélica de Oliveira".

Referências.

1. Análise do Discurso. 2. Identidade – Sujeito-Mulher. 3. Poder - Discurso. I. Oliveira, Maria Angélica de. II. Título.

CDU 81'42(043)

RAFAELA DO NASCIMENTO NÓBREGA

DA ROSA AO ESPINHO: A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO-  
MULHER EM *AS BRUMAS DE AVALON*

Monografia de conclusão de curso apresentada ao curso de Letras – Língua Portuguesa, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial à conclusão de curso.

Aprovada em: ...../...../.....

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Angélica de Oliveira – Orientadora

Universidade Federal de Campina Grande

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Rosângela Melo Rodrigues

Universidade Federal de Campina Grande

---

Prof<sup>ª</sup>. Ms<sup>ª</sup>. Paloma Oliveira

Universidade Federal de Campina Grande

*Às grandes mulheres de minha vida, que com sua força e resiliência, ensinaram-me que os espinhos são, também, parte integrante da beleza das rosas.*

## AGRADECIMENTOS

É com muito carinho que agradeço,

A Deus, por não ter me deixado desistir nas várias vezes em que o mundo pesou sobre mim.

À Fátima, minha mãe, Rainha do meu amor, por ter plantado em mim a admiração pela docência.

À Amanda, Bruno, Ariosvaldo e Mateus, irmãos, pai e sobrinho amados, lugar para onde eu pude voltar por todo esse tempo.

À Maria Angélica de Oliveira, uma de minhas mães do coração, mulher majestosa, cuja mão forte e o olhar sagaz me trouxeram até aqui.

Aos seis fragmentos do meu coração, cujo amor foi imprescindível nessa jornada. Josielton, Mayra, Fernanda, Dayane, Edvânia e Joseane, a vocês todo o meu amor em forma de obrigado.

Aos melhores companheiros de viagem que alguém pode ter nesse mundo! Rielison, Letícia, Jailda, Geovany, Mateus, Francisco, Kellyane, Edvanilson, Gabriela, Natan, Jean Pierre, Gal, Welluska e todos os outros, muito obrigada por me fazerem tão feliz ao longo desses cinco anos.

Aos grandes mestres que tive e conheci, em especial a Manassés, Sandra, Hélder, Washington, Paloma, Rosângela, Milene, Luciene, Carmen, Josilene, Karine, Sinara, Aloísio, Nyeberth e Márcia Tavares, de quem tive a honra de me tornar amiga. A Berto Machado (em memória) por ter me dado a alegria de encontrá-lo nesse plano.

A Marciano, Maria, Seu Valdemar, Ticiane e toda a UAL, pelos sorrisos e momentos ímpares que ali vivi.

A Olavo, Salete e Jany, pelos sorrisos e pelos sucos. À dona Margarete, por tantas noites de acolhida em forma de cuscuz.

A UFCG, lar dos meus sonhos, meu grande amor, por toda a felicidade que vivi entre suas paredes.

*Sob o manto da Deusa, assim como toda mulher é minha irmã e minha filha e minha mãe, assim também todo homem tem de ser para mim como um pai, um amante e um filho...*

*(Marion Zimmer Bradley, As Brumas de Avalon, p.227)*

## RESUMO

Configuramos nossa pesquisa como uma proposta de leitura discursiva da saga *As Brumas de Avalon*, da autora norte-americana Marion Zimmer Bradley, composta por quatro livros, dos quais utilizamos o volume I e II. Escolhemos essa abordagem discursiva pelo fato de a Análise do Discurso nos fornecer a possibilidade de um estudo do texto integrado ao seu caráter sócio histórico e ideológico, ao seu lugar de guardião de memórias. O objetivo central de nosso trabalho é investigar nos fios do texto a constituição do sujeito-mulher através dos conceitos basilares da obra de Foucault, fundamentando nossa análise nas concepções de discurso e dos seus mecanismos de controle, dos regimes, jogos e vontades de verdade e das relações de poder. Analisaremos, primordialmente, a tríade feminina de maior importância na obra, composta por Morgana, Viviane e Guinevere. Utilizaremos como aporte teórico, além de Foucault, demais autores cuja preocupação se volta para os estudos sobre sujeito, discurso e identidades, tais como Veyne (2011), Bauman (2005), Indursky (1998), Macedo (2014), Rodrigues (2016), Louro (1997), Hall (2002), Magalhães (2011), Baccega (2013), Orlandi (2002), Possenti (2002); (2004), dentre outros. Apesar do (des)lugar da mulher perante a ordem social denunciado através da obra escolhida para nossa análise, acreditamos que a subversão do sujeito feminino é a semente de uma nova era, na qual a mulher conquistará um lugar de equidade perante a sociedade.

**Palavras chave:** Discurso; Identidade; Sujeito-Mulher; Verdade; Poder;



## ABSTRACT

This research is based on a discursive reading proposal of the translated book *As Brumas de Avalon*, written by the North American author, Marion Zimmer Bradley. The saga is composed of four books, with volumes I and II being the corpus here. Discourse Analysis was chosen due to the fact that this approach offers the possibility of a text analysis integrated to its social, historical and ideological character, to the position of the text as a memory guardian. The main objective of the research is to investigate women's constitution, inbetween the lines, via Foucault's basic concepts, focusing the analysis on discourse concepts and control mechanisms, regimes, games, desires of the truth and power relations. The main female triad of the story, composed of Morgana, Viviane and Guinevere, will be analyzed. The theoretical framework, besides Foucault, involves authors whose interest of study is te subject, discourse and identities: Veyne (2011), Bauman (2005), Indursky (1998), Macedo (2014), Rodrigues (2016), Louro (1997), Hall (2002), Magalhães (2011), Baccega (2013), Orlandi (2002), Possenti (2002); (2004), among others. Despite the position of women in the social order presented in the story here chosen, it is believed that the subversion of the female character is the seed of a new era in which women will conquer a better place in society.

**Keywords:** Discourse; Identity; Women Subject; Truth; Power.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	10
1- UM OLHAR AO PASSADO: A MULHER E A IDADE DAS TREVAS .....	13
1.1- A Era Medieval e as mulheres .....	14
1.2- A mulher por trás das Brumas: obra e autoria .....	18
1.3- Morgana, Viviane e Guinevere: uma ruptura no paradigma .....	20
2- DOS FUNDAMENTOS TEÓRICOS .....	24
2.1- O Discurso e seus mecanismos de controle .....	25
2.2- O Discurso e a memória .....	32
2.3- Identidade, sujeito e estereótipo .....	33
3- A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO FEMININO: AS MULHERES DE AVALON NA ORDEM DO DISCURSO .....	37
3.1- O sujeito-mulher na perspectiva feminina: o abandono dos pressupostos.....	39
3.2- O sujeito-mulher na perspectiva masculina: o legado do patriarcado .....	53
4- CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	59
5- REFERÊNCIAS .....	63

## INTRODUÇÃO

“[...] É preciso contar as coisas antes que os sacerdotes do Cristo Branco espalhem por toda parte os seus santos e suas lendas”.  
(*As Brumas de Avalon – A Senhora da Magia. Prólogo*)

Por muitos séculos, a mulher foi relegada a invisibilidade por instituições superiores e mais poderosas. Seu lugar, imposto pelos ditames sociais, era o matrimônio, bem como a lida com os trabalhos do lar. As relações de poder, presentes em todas as esferas da sociedade, relegavam a mulher a um lugar de inferioridade, legitimado pelas vontades de verdade, que se alicerçavam em regimes poderosos.

Foucault (2014) afirma que são os regimes de verdade uma força que coage os indivíduos a um certo contingente de atos de verdade e que determina para tais atos, condições de efetivação. É do regime de verdade que provém as **vontades de verdade**, suporte institucional para as relações de poder.

Na Era Medieval, época na qual o sujeito-mulher, mais que nunca, teve sua liberdade tomada, eram vigentes dois grandes regimes de verdade: o regime de verdade matriarcal e o regime de verdade patriarcal. O regime do patriarcado foi o alicerce de cruéis vontades de verdade que transformavam a constituição do sujeito feminino<sup>1</sup> em um tormentoso processo, impondo à mulher dois caminhos: constituir-se como sujeito a partir dos postulados patriarcais, legitimando a supremacia masculina, ou rebelar-se contra o regime, atraindo sobre si toda a sorte de punições.

Porém, algumas mulheres optavam por subverter o sistema, desafiando o (des)lugar que lhes era imposto pelas vontades de verdade propagadas pelo discurso androcentrista. Inúmeros são os registros literários que narram a força e a resistência dessas mulheres perante a hegemonia dos homens. Mulheres que abandonavam os pressupostos e os estigmas sobre elas lançados, constituindo-se como um novo tipo de sujeito, cuja compleição forte e resiliente afrontava os postulados do patriarcado, o *sujeito-mulher-deligente*, cujo perfil em nada se assemelha ao estereótipo de fragilidade que rondava a construção identitária da mulher.

Com a finalidade de apontar a ruptura nos paradigmas acerca da constituição feminina, adentraremos os caminhos da literatura, buscando as marcas da subversão do sujeito-mulher, de sua luta pela liberdade. Na presente pesquisa, tomamos o texto

---

<sup>1</sup> Ao utilizarmos o termo feminino, nos referimos exclusivamente ao sujeito-mulher.

literário como um lugar sócio-histórico, repositório da memória e da cultura de um povo, como instrumento de denúncia das barbáries e da violência sofridas pela mulher ao longo da história.

Através das teorias da Análise do Discurso (doravante AD), buscaremos investigar para além do texto, a sua ligação com a historicidade dos fatos, e aquilo que o texto fala através das entrelinhas, muito além do que já foi dito.

O Discurso, palavra em movimento, prática de linguagem, é o objeto central da AD. Inúmeras são as esferas do discurso, cada qual com seus ditames, cristalizados na sociedade. Por seu poder, o discurso não é livre, sendo fixado em uma ordem que visa esquivar sua temível materialidade. Para conter o discurso, Foucault (1999) afirma que a sociedade criou mecanismos de controle, que subjugavam o seu poder e sua simbologia, sua materialidade e sua relação com a formação dos sujeitos, uma vez que estes são também constituídos pelos discursos que os cercam.

É a ligação entre os discursos, seus mecanismos de controle e a constituição dos sujeitos que compõe, de certa forma, o cerne de nossa pesquisa, cujo objetivo é analisar nos fios do texto a constituição do sujeito-mulher e as formas de subversão ao regime do patriarcado, expondo as marcas produzidas pelas vontades de verdade acerca da mulher, que por muito tempo foram e são o alicerce de toda a violência sofrida por elas.

Para analisarmos como se dava a construção da identidade feminina na Era Medieval, utilizaremos a literatura ficcional. Analisaremos três das personagens mais importantes de *As Brumas de Avalon*, da autora norte-americana Marion Zimmer Bradley, três sujeitos femininos que abandonam os estereótipos de subalternidade comuns às mulheres de sua época.

Morgana, Viviane e Guinevere, tríade componente de nosso objeto de estudo, nos mostram o peso do legado patriarcal na constituição do sujeito-mulher, e através da análise de seus pontos de vista em comparação com a perspectiva masculina acerca das mulheres, exporemos o tortuoso processo de identificação do sujeito feminino, através da simbologia imanente à literatura,

O que propomos em nossa pesquisa é uma análise discursiva do *corpus* literário, uma vez que é o registro literário uma das expressões mais intensas da história e da sociedade de um povo.

Nosso trabalho divide-se em três capítulos. No primeiro faremos um levante histórico sobre o lugar da mulher na Era Medieval, seus deveres e fardos. Apresentaremos também o *corpus* literário analisado em nossa pesquisa, a tríade de personagens e a autora.

Discutiremos, também, alguns conceitos basilares da obra foucaultiana e da Análise do Discurso, tais como: sujeito, discurso, memória, jogos, vontades e regimes de verdade, relações de poder, dentre outros conceitos de suma importância para a realização de nossa pesquisa.

No terceiro capítulo, daremos seguimento à análise das personagens à luz das teorias estudadas. A análise se dividirá em dois pontos, sendo o primeiro dedicado ao olhar da mulher acerca de si mesma e o efeito das vontades de verdade na construção de sua identidade. Para tal, utilizaremos sequências discursivas retiradas de nosso *corpus* de pesquisa. O segundo ponto volta-se para o olhar masculino acerca da mulher e de seu lugar na ordem social.

Escolhemos o estudo da constituição do sujeito-mulher, pois é necessário contar a história de luta que permeia a construção de sua identidade, antes que o legado do patriarcado apague com suas vontades de verdade, todas as barbáries e suplícios impostos à mulher desde os primórdios da humanidade. Exporemos os martírios da luta travada pelo sujeito feminino na Idade das Trevas, em busca de uma liberdade que ainda hoje lhe é interdita.

## 1- UM OLHAR AO PASSADO: A MULHER E A IDADE DAS TREVAS

A palavra “passado”, que vem do Latim *passare*, é o período de tempo referente a todo e qualquer acontecimento anterior ao presente, aquilo que já passou, assim como afirmam vários dicionários, tais como Aurélio e Houaiss. É o passado um dos objetos de estudo da História e é através dele que o ser humano compreende o presente e modela o futuro. O passado guarda os registros de grandes civilizações, de reinos e nações, de personalidades há muito extinguidas. Conta estórias de lendas suntuosas e de grandes heróis que caminharam sobre a Terra. Homens que deram a vida em troca de um ideal maior. Mulheres que sofreram inimagináveis dores para terem reconhecidos os seus direitos, luta que perdura até os dias atuais.

Em se tratando dos estudos sobre o gênero feminino, os registros do passado contidos na História mostram um caminho repleto de percalços e marcas indissolúveis. O processo de formação identitária da mulher, desde os primórdios da humanidade, é cercado de barreiras ideológicas que acabam segregando-a, toldando seus direitos em nome de uma sociedade patriarcal, eivada de dogmas falocracistas.

Ao lançar o olhar através de um prisma historicista, depreende-se que o período de tempo conhecido como Idade Média tenha sido, talvez, um dos piores registros na história das mulheres. As barbáries, os abusos, o sequestro da subjetividade feminina, a mulher tida como propriedade dos maridos, pais e parentes homens, como moeda de troca, como reprodutora de herdeiros, quadro que representava a situação feminina no medievo, a segregação, a demonização feminina, o estigma lascivo que perseguiu a mulher desde a queda, no longínquo Éden<sup>2</sup> e por toda a história.

Vem do campo da Literatura, realística ou ficcional, a maior gama de apontamentos documentados acerca do estilo de vida da mulher na Era Medieval. Os romances inspirados em lendas e registros históricos desse período de tempo, contam, ainda que minimamente, o que acontecia com a mulher do medievo, suas obrigações, o fardo que carregava por ter nascido fêmea, seus martírios.

Contudo, em meio aos relatos desumanos que escondem as vontades de verdade sobre a violência cometida contra a mulher, numa era que é conhecida até os dias atuais como *Idade das Trevas*, surgem, vez por outra, estórias e relatos sobre mulheres que

---

<sup>2</sup>Referência a História Bíblica da tentação e queda de Eva, a primeira mulher.

quebram os paradigmas e fogem do lugar que a sociedade lhes relegava. São essas mulheres, personagens ficcionais oriundas de épocas há muito passadas, o foco de nossa análise.

Buscaremos o encontro com tais mulheres na obra de ficção intitulada *As Brumas de Avalon*, da escritora norte americana Marion Zimmer Bradley, obra que retrata a lenda do Rei Arthur e sua corte através da ótica feminina, sob a narração de mulheres de suma importância para a análise da construção do sujeito feminino na literatura de estilo medieval.

### **1.1 A Era Medieval e as mulheres**

O período conhecido como Idade Média, permanece até hoje envolto em espessas teias de obscuridade. Guerras entre reinos, inquisições religiosas, fogueiras, torturas e perseguições marcaram uma época histórica que recebeu a antonomásia de “Idade das Trevas”, pois representava uma estagnação da humanidade. Recebeu este nome por ser um entremeio entre a Idade Antiga, que remonta aos primórdios da humanidade e a Idade Moderna. O medieval perdurou por um longo período, cerca de dez séculos. Dois grandes acontecimentos marcam o nascimento e o fim da Era Medieval. Ela tem seu início na derrubada do Império Romano pelos povos bárbaros da Germânia, no ano de 476 e, seu fim é marcado pela tomada de Constantinopla pelos Turcos Otomanos, em 1453.

A Idade Média, segundo Le Goff (1983) divide-se em três períodos: a Alta Idade Média, a Idade Média Clássica e a Baixa Idade Média, sendo a primeira, o berço do surgimento de várias civilizações na Europa, a segunda, o marco do surgimento dos feudos, das relações de suserania e vassalagem, das ordens de cavalaria que reuniam nobres que dedicavam a vida ao combate e às Cruzadas, investidas de cristãos contra os Turcos nas guerras santas. O terceiro e último período marca uma espécie de transição para a Idade Moderna, acentuada pela decadência dos feudos e da inserção de novos elementos que alteraram a estrutura da Era Medieval.

Outro fator comum ao medieval era a delimitação dos lugares e funções destinadas aos gêneros, sendo essa uma época dominada e dirigida pelos homens, divididos entre os deveres cristãos e a glória dos combates. É nesse período, também, que a Igreja Católica ganha enorme domínio sobre a humanidade e sua influência cresce irrefreavelmente. Tem início então, as caçadas àqueles conhecidos como hereges, os que

não comungavam com os ideais católicos e que, por tal feito, eram considerados adoradores do diabo, período marcado pelo horror das torturas da Inquisição religiosa. As principais vítimas dessa barbárie foram as mulheres, cujo lugar dentro da Era Medieval era quase nulo, conservando-se a ideia de uma “inferioridade natural” do gênero feminino, cuja única serventia era cuidar do lar, procriar e ser moeda de troca para selar acordos entre reinos.

Tal fato era também corroborado pela crença de que a mulher era um ser fraco, tanto em termos físicos, o que lhes cerceava o direito de ação, quanto em inteligência, pois, só servia para aquilo que era descrito como afazer doméstico, já que sua sabedoria era mínima em relação ao saber masculino.

Os religiosos da época, consumidos pelo ideário do pecado, enxergavam a mulher como um instrumento diabólico e reprimiam-na por sua sexualidade, o que rendeu ao gênero feminino horrores inomináveis. Tomemos como exemplo o assassinato “pandêmico” de um contingente exorbitante de mulheres, queimadas vivas nas fogueiras da Inquisição, em praça pública, para que o “espetáculo” servisse como exemplo aos hereges. Os próprios interrogatórios aos quais as suspeitas de praticarem bruxaria eram submetidas, já eram por si só, terríveis episódios de violência, em que mulheres indefesas, jovens, adultas e idosas, eram jogadas em rios profundos, com mãos e pés amarrados, para que fosse verificado se elas submergiam, pois, se não afundassem, o pacto com o demônio estaria confirmado. Elas eram também colocadas em barris com facas espetadas em suas laterais e lançadas morro abaixo, e se chegassem vivas ao sopé da montanha, eram condenadas por bruxaria.

A disparidade entre os sexos era gritante até mesmo na simbologia. Os homens tinham como símbolo a espada, representante da força, virilidade e caráter guerreiro que cabiam ao sexo masculino. A mulher tinha como símbolo a roca, instrumento de fiar, que representava sua obrigação para com o lar. Raramente, ela possuía direitos, sendo os povos Celtas e os Germânicos talvez os únicos que conferiam um lugar de destaque à mulher, que gozava de uma rara independência, acompanhando em pé de igualdade os maridos. Na Irlanda da Alta Idade Média, quanto mais dinheiro a mulher possuísse, maior sua hegemonia sobre os homens.

A mulher medieval, comumente, era tida como uma moeda de troca, servindo como pagamento à união de grandes reinos. Desde a infância, era mantida sobre o



*mundio*<sup>3</sup> do pai, do marido ou, na ausência de ambos, do parente homem mais próximo. O casamento era apenas para a continuidade da linhagem. Quando a esposa dava à luz uma menina, era proibida de amamentá-la, para que pudesse voltar mais rápido para a cama do esposo, no intuito de gerar o herdeiro homem que daria continuidade à família. Para a mulher senhorial, era primordial possuir um bom senso de organização, já que os trabalhos domésticos eram os únicos que poderia exercer.

Porém, aquelas que não conseguiam casar, que perdiam as famílias ou que viviam em extrema penúria, tornavam-se marginalizadas e excluídas. As principais representantes dessa marginalização eram as prostitutas, que viviam segregadas em guetos, que não podiam importunar a nobreza e que eram punidas se o fizessem. Embora fossem condenadas pela Igreja, essas mulheres eram aceitas por serem válvulas de escape para os problemas conjugais dos nobres.

Tais mulheres também eram usadas para manter sob controle a violência dos filhos da nobreza, haja vista que tais jovens possuíam um caráter conturbado e indubitavelmente, violento. Eram também as prostitutas que serviam como “redenção” dos desejos pecaminosos dos membros do clero medieval, que as utilizavam para eximir seus “impuros” ímpetos carnis, entregando-se ao ato sexual como forma de expulsar dos próprios corpos o pecado da carne.

Foi também na Idade Média que ocorreu um dos maiores episódios de violência contra as mulheres, conhecido como “A caça às Bruxas”. Registros sobre feiticeiras remontam à antiguidade, porém, quando a Igreja tinha um poder soberano e o ideário acerca do Diabo gerou um novo patamar de entendimento, o medo do demônio acarretou o temor às bruxas, e esse temor culminou com o extermínio em massa dessas potenciais inimigas. As solteiras, viúvas e mulheres mais velhas e solitárias eram os principais alvos. As parteiras e as curandeiras também compunham a cota de mulheres perseguidas.

Em 1486, limite entre as Idades Média e Moderna, surge o mais famoso manual de caça às bruxas e talvez o mais cruel deles, o *Malleus Maleficarum*<sup>4</sup> (Martelo das feiticeiras), que acabaria se tornando o guia inquisitorial na caça contra os hereges e bruxas, que narrava torturas e métodos horrivelmente desumanos para testar e punir os

---

<sup>3</sup> Termo de origem germânica que designava a autoridade e a proteção exercidas pelo chefe de família.

<sup>4</sup> Livro publicado em 1486, na Alemanha, pelos autores Heinrich Kraemer e James Sprenger, que veio a se tornar o guia dos inquisidores na caçada contra os hereges e as bruxas.

condenados. O expurgo da Inquisição religiosa deixou uma marca indissolúvel e crua na história das mulheres, exterminadas massivamente por uma grande prepotência arraigada na criação de normas que governavam a sociedade, pelo fato de terem nascido sob um gênero execrado naquele período obscuro da vida humana.

Como bem afirma José Rivair Macedo, doutor em História pela Universidade de São Paulo (USP), em seu livro *A mulher na Idade Média*, embora a palavra “História” seja pertencente ao gênero feminino, ela é, quase sempre, estudada sob a perspectiva masculina, privilegiando o homem, o homem que conquista, desbrava e propala seu nome nos mais altos panteões, segregando, por sua vez, a mulher à subclasses, denominando-a como um simples componente de uma classe maior: a humanidade. É por tal motivo que, na presente pesquisa, desejamos mostrar que o paradigma de inferioridade e de submissão relegado à mulher na Era Medieval pode ser subvertido, e esse desejo nos leva a buscar na Literatura as provas dessa subversão.

Adentraremos então, os terrenos do romance de estilo medieval, com a finalidade de promover um encontro com mulheres vanguardistas que lutaram para superar a segregação imposta pela sociedade patriarcal da Idade Média, que provam que há possibilidades de transpor as muralhas criadas em torno das representantes do gênero feminino, ainda que essas mulheres sejam personagens de ficção.

No item que segue, apresentaremos o objeto escolhido como foco da análise de nossa pesquisa. A obra, sua autoria e as personagens que serão analisadas.

## **1.2 A mulher por trás das Brumas: obra e autoria**

Para analisar a construção da identidade feminina num romance ao estilo medieval, utilizaremos como material de pesquisa a obra *As Brumas de Avalon*, da autora norte-americana Marion Zimmer Bradley. Embora a saga seja formada por quatro volumes, o foco de nossa análise se deterá apenas nos Livros I e II, intitulados *As Brumas de Avalon - A Senhora da Magia* e *As Brumas de Avalon – A Grande Rainha*. Escolhemos os dois primeiros volumes pelo fato deles narrarem, respectivamente, as histórias de Morgana, Viviane e Guinevere, personagens que são nossos objetos de análise.

A partir de uma perspectiva feminina, a saga narra a lenda do Rei Bretão Arthur de Camelot e sua corte, tendo por narradoras Morgana, a irmã ilegítima do Rei e várias outras mulheres que o rodeavam. Diferente de outras versões que narram a saga de Arthur, nas quais a ótica masculina impera, em *As Brumas de Avalon* o olhar feminino guia o leitor durante toda a obra, desvendando a espessa teia de cobiça, inveja e traição que envolve a corte da Bretanha Celta. Essa narração feminina acaba por reelaborar todo o universo mítico da trama, dando-lhe novos aspectos e personagens. A obra acompanha Arthur desde antes de seu nascimento e toda a manipulação por trás desse evento, até pouco depois de sua morte.

A estória é contada por muitas personagens, Igraine, a mãe de Arthur, Morgana, sua irmã, Viviane, sua tia e Senhora de Avalon e até mesmo Gwenhwyfar ou Guinevere, sua futura rainha, dentre outras. Cada uma das mulheres criadas por Bradley mostra, a sua maneira, os sofrimentos e a dor do sexo feminino numa época dominada por homens.

São personagens complexas e extremamente bem elaboradas e, embora pertençam a uma narrativa que recria uma lenda há muito passada, qualquer mulher nos dias atuais poderia facilmente se identificar com seus conflitos existenciais. O poder contido nas personagens revela-se ao longo da trama, seja ele astúcia, magia, sabedoria ou até mesmo beleza. O misticismo que ronda as mulheres de Avalon, a guerra entre o paganismo e a fé cristã, o encontro de dois mundos e muitas contendas e traições compõem o cenário dessa obra.

A obra faz parte de uma saga bem maior conhecida como **O Ciclo de Avalon**<sup>5</sup>. A saga se inicia com *A queda de Atlântida*, publicado em 1987, e, embora sua data de lançamento seja posterior a publicação de *As Brumas de Avalon*, que ocorreu no ano de 1979, o livro é considerado a primeira parte de uma série mística que culmina com os quatro livros que compõem *As Brumas*, mantendo a seguinte ordem:

- A Queda de Atlântida
  1. Teia da Luz
  2. Teia das Trevas
- Os Ancestrais de Avalon

---

<sup>5</sup> O Ciclo de Avalon é uma série de livros de ficção que narra o universo mágico das civilizações antigas e misteriosas tais como Atlântida e Avalon. Após a morte de Marion Zimmer Bradley em 1999, a autora Diana L. Paxson tomou para si a autoria da saga, expandindo-a através de outros títulos. A saga inicia-se com *A Queda de Atlântida* e tem seu fim com *As Brumas de Avalon*.

- Os Corvos de Avalon
- A Casa da Floresta
- A Senhora de Avalon
- A Sacerdotisa de Avalon
- As Brumas de Avalon
  1. A Senhora da Magia
  2. A Grande-Rainha
  3. O Gamo-Rei
  4. O Prisioneiro da Árvore

A obra conta ainda com uma adaptação filmica<sup>6</sup>, gravada especialmente para a TV no ano de 2001 e estrelada por grandes nomes do cinema Hollywoodiano, como Anjelica Houston e Joan Allen. No entanto, embora o filme seja inspirado na obra homônima, muito de seu enredo difere da obra original. Alguns personagens possuem uma personalidade que difere de seus representantes literários. Arthur não é tão manipulável quanto no livro e nem abandona a religião pagã definitivamente, Guinevere não é a mulher religiosa retratada na obra e os padres cristãos não possuem tanta visibilidade. Talvez seja Morgana a personagem filmica mais fiel à obra literária, conservando seu papel de protagonista e narradora.

Em meados da década de 70, quando o cenário feminista estava erguendo bandeiras de reivindicação acerca de direitos igualitários, Marion Zimmer Bradley lança uma obra eivada de marcas de uma luta que perdura desde os tempos mais remotos até hoje, na Pós-modernidade: a luta da mulher para conquistar o espaço que é seu por direito e que sempre lhe foi negado por uma sociedade erguida sobre uma cultura androcentrista. É através das três mulheres mais fortes e emblemáticas de toda a obra que buscaremos identificar os traços da luta pela subversão dos estereótipos de fragilidade e submissão que sempre povoaram o imaginário popular acerca da formação da identidade feminina.

No próximo item, faremos a apresentação da tríade formada por Morgana, Viviane e Guinevere, personagens escolhidas para exemplificar a quebra dos pressupostos de subalternidade, baixa intelectualidade e inferioridade, dentre outros, em

---

<sup>6</sup>O filme As Brumas de Avalon é uma adaptação estadunidense, tcheca e alemã de 2001, inspirada na obra homônima de Marion Zimmer Bradley.

se tratando do sujeito feminino e sua identidade, nos romances baseados em lendas medievais.

### **1.3 Morgana, Viviane e Guinevere: a ruptura de um paradigma**

Para analisar a construção do sujeito-mulher em *As Brumas de Avalon*, escolhemos três grandes personagens, cuja importância é deveras relevante para o desenrolar da obra. São elas: Morgana, irmã do Rei Arthur de Camelot e Sacerdotisa de Avalon; Viviane, tia de Morgana e Senhora da magia em Avalon e Guinevere<sup>7</sup>, esposa de Arthur e Rainha da Bretanha. Apresentaremos abaixo cada uma dessas personagens femininas, esteios de toda a estória de Avalon

Morgana é uma das personagens principais da obra e atua, em grande parte dela, como narradora. É filha de Igraine e Gorlois, Duque da Cornualha. Pequena e morena, cabelos negros como a asa do corvo, Morgana nunca foi acarinhada pelo pai, que no máximo a presenteava com colares e tecidos para vestidos. É cuidada pelas amas e pela tia Morgause, na maior parte do tempo. Após uma trama de Viviane, irmã de Igraine e o Merlim da Bretanha, feiticeiro de grande poder, Gorlois é morto em batalha e Igraine aproxima-se de Uther Pendragon, sucessor do Rei da Bretanha, com quem casaria e daria à luz um menino, fruto mais que aguardado dos desejos de Viviane, um Rei que governaria pelos povos pagãos. Após a perda do pai e o nascimento do irmão, Morgana é esquecida completamente por Igraine e, enquanto a mãe se entrega ao amor por Uther, a menina abdica da infância para cuidar de Arthur.

Cada vez mais soturna e calada, Morgana cresce, sempre se ressentindo por ser “morena e pequena” e não ter a aparência bela de uma princesa. Esse estereótipo belo e delicado, tão cobiçado por Morgana, pressupõe uma vontade de verdade sobre a beleza, tendo em vista que o belo é subjetivo, modificando seu conceito e sua essência ante a visão de cada ser, uma vez que, aquilo que é considerado belo por alguém pode não ter a mesma beleza para outrem, bem como uma mulher considerada feia por um homem, pode conjurar-se como bonita ao olhar de outro.

Quando Arthur, ainda criança, sofre uma grave queda de um cavalo, Viviane é chamada para socorrer o menino, já que possuía grandes dons nas artes do curandeirismo. E é por ocasião dessa visita da tia, que Morgana acaba decidindo ir para Avalon na companhia de Viviane. A Senhora da Magia enxerga em Morgana um grande

---

<sup>7</sup>No original lê-se Gwenhwyfar.

poder que lhe seria útil, caso tivesse a sobrinha sob seu comando, na Ilha de Avalon, e, depois de convencer Igraine, tia e sobrinha partem em viagem. Em Avalon, Morgana desenvolve seu poder e torna-se uma sacerdotisa, prometida para a Deusa, sob voto de castidade. Lá, encontra Galahad ou Lancelote, filho de Viviane e seu grande amor.

Num passeio com Lancelote, Morgana conhece a jovem Guinevere, que seria futuramente a esposa de seu irmão Arthur. O tempo passa e Viviane escolhe Morgana para participar do “Grande casamento”, rito pagão de coroação dos reis. Sem saber quem seria seu consorte, a menina é preparada e, após o ritual, entrega a virgindade ao jovem Rei. Quando amanhece o dia, os amantes se reconhecem e, horrorizados, entendem a desgraça à qual foram sujeitados: o consorte de Morgana era Arthur, filho de sua mãe, seu irmão.

Quando recobra o domínio de seus pensamentos, Morgana se revolta e, com o coração repleto de ódio por Viviane, foge de Avalon e vai para a casa da tia Morgause, carregando no ventre um filho de seu próprio irmão. O tempo passa e Morgana retorna à corte do irmão e é acolhida como uma nobre. Seu filho cresce e demonstra que, como a mãe, também possui poderes, porém, Gwydion, que mais tarde seria chamado de Mordred, demonstra possuir um temperamento instável a medida que cresce. No desenrolar da trama, após a morte de sua Tia Viviane, Morgana acaba se tornando Senhora de Avalon. Quando mais velha, ela testemunha um triste combate entre Arthur, seu irmão e Mordred, filho de ambos, no qual pai e filho acabam matando um ao outro. Morgana é um mulher imponente e poderosa, simboliza uma cultura pagã cujo regime de verdade é o regime matriarcal<sup>8</sup>, que serve à uma Deusa e considera as mulheres sagradas, sendo considerada, até os dias de hoje, uma das grandes figuras dentre as lendas medievais.

Viviane, tia de Morgana, é a Senhora da Ilha de Avalon. Feiticeira de grande poder, é o símbolo de uma ruptura no estereótipo de subserviência no tocante ao sujeito feminino, tem uma sexualidade forte e intensa, é imponente, embora de estatura pequena e é respeitada e temida pelos homens. Escolhida entre as irmãs para suceder a mãe no comando da ilha de Avalon, Viviane é uma mulher de aparência frágil, que cumpre com fidelidade os desígnios de sua Deusa. É Viviane, junto com o Merlim que

---

<sup>8</sup> Os Regimes de Verdade, segundo FOUCAULT (2014), norteiam a conduta dos indivíduos no tocante a produção do verdadeiro (jogos e vontades de verdade). O regime de verdade matriarcal era um dos regimes vigentes na Era Medieval, no qual se alicerçava o discurso feminista. Tal regime designava a mulher como mãe, provedora, aquela que acolhe e cuida.

engendram a aproximação de Igraine com o Pendragon, o casamento dos dois após a morte de Gorlois e o nascimento de Arthur. Viviane é muito ligada à sobrinha Morgana e, em uma de suas visitas à corte da irmã, acaba convencendo a moça a servir como Sacerdotisa em Avalon. Sua fidelidade à sua Deusa, por vezes, faz com que Viviane pareça ser cruel, levando-a ao extremo para concretizar seus planos.

Ao notar que Arthur não teria a fibra suficiente para reinar pelos povos pagãos, Viviane entrega Morgana ao próprio irmão, após um ritual de coroação e ela acaba ficando grávida. Viviane deposita suas esperanças no menino, esperando que ele se torne rei um dia. Morgana é tomada pela dor e pelo ódio e foge de Avalon para ter seu filho longe. Elas acabam se reconciliando, mas, Viviane, já idosa, é assassinada por um rapaz chamado Balim, filho de uma mulher de quem ela provocara a morte, atendendo a um pedido da enferma que sofria com uma grave doença. O assassinato ocorre numa celebração no castelo de Arthur.

Guinevere ou Gwenhwyfar, como é chamada no original da obra, é bela desde jovem. Conhece Morgana ainda criança, quando cruza o véu que separa Avalon do mundo cristão. Nesse dia, conhece também Lancelote, que viria a ser seu grande amor. Guinevere é filha do Rei Leodegranz e é a escolhida para ser a consorte de Arthur pelo dote que seu pai oferece. Ela é uma católica fervorosa e seus pensamentos e ideias erguem-se sobre um dogma extremamente patriarcal, além de possuir um complexo de inferioridade por ser mulher, complexo que se apoiava num discurso falocracista oriundo de um regime de verdade patriarcal<sup>9</sup>, que dava aos homens o ideário de que as mulheres lhes pertenciam e apenas serviam para fins reprodutivos e de cuidados com o lar.

No entanto, Guinevere sabe que é bela e se vale dessa beleza para conseguir aquilo que quer. Em *As Brumas de Avalon*, Guinevere representa a sujeição da mulher ao mando dos homens, a cobrança por um herdeiro e a condenação quando ele não vem. A Rainha Guinevere possui grande influência sobre o esposo e o convence aos poucos a se tornar um homem cristão e esquecer de vez sua ligação com os povos pagãos.

Ela nutre uma grande paixão por Lancelote, filho de Viviane, primo de Arthur e seu grande amigo. Guinevere passa a acreditar que não consegue dar à luz o tão esperado herdeiro porque está sendo punida por causa desse sentimento adúltero. Junto com Lancelote e Arthur, Guinevere acaba vivendo um triângulo amoroso e, após o rei

---

<sup>9</sup> O regime de verdade patriarcal era também vigente no medievo e se opunha ao regime matriarcal.

começar a crer que é estéril, ele acaba autorizando a relação entre Lancelote e sua esposa, para que Guinevere possa conceber um filho, participando, às vezes, do ato amoroso junto com os dois. Guinevere simboliza a subversão do papel de Rainha casta em nome do amor, quebrando corajosamente, padrões a ela impostos.

Três mulheres marcantes, cuja estória não difere das lutas de mulheres da vida real, pelo correr dos séculos. Três personalidades que nos ajudarão a compreender como se construía a identidade feminina em épocas tão sombrias quanto o medievo, através da ótica da Literatura.



## 2- DOS FUNDAMENTOS TEÓRICOS

A literatura é dotada de uma simbologia imanente que desperta nos indivíduos inúmeras significações. Bem como afirma Orlandi (2002), “as palavras simples do nosso cotidiano já chegam até nós carregadas de sentidos que não sabemos como se constituíram e que, no entanto, significam em nós e para nós” (p. 20). Tal entendimento deve-se ao fato de que a linguagem é algo mutável, em constante movimento, carregada de historicidade e capaz de produzir significação nos indivíduos ainda que não pertença a época ou ao âmbito dos mesmos.

Essa construção de sentidos liga-se à simbologia da linguagem e à sua interpretação, uma vez que, sendo sempre sujeitos à linguagem, somos instados a interpretar aquilo que está ao nosso redor, descobrindo que não há neutralidade nem mesmo nas construções mais corriqueiras e nem na mais básica utilização dos signos, diariamente.

A significação da linguagem toca também na memória, tanto na institucionalizada que se estabiliza nos usos cotidianos, quanto na memória discursiva, memória do esquecimento, do que já foi dito. Porém, Orlandi (1999) nos afirma que nem todos podem interpretar a linguagem da forma que lhes convém, uma vez que há um controle que delega a certos grupos o poder da interpretação, tornando os sentidos “administrados”.

Tais práticas de controle nascem da necessidade de fixar numa ordem aquilo que é proferido e a força de sua significação. Essa necessidade volta-se ao controle de uma unidade deveras poderosa, que é também constituinte dos sujeitos: o discurso. Assim como afirma Orlandi (2002), o Discurso é uma palavra cuja etimologia remete ao curso, ao movimento. Enquanto prática de linguagem, o discurso é a unidade de estudo de uma ciência que busca entender a língua enquanto aparato simbólico e constitutivo do homem e de sua história: a Análise do Discurso.

Entendamos o discurso como sendo um objeto sócio-histórico, lugar no qual podemos observar a relação entre língua e ideologia e a produção de sentidos por e para os sujeitos. Michael Foucault (1999), um dos pilares da AD, afirmava que o Discurso estava intrinsecamente ligado ao poder, e que essa relação se erguia sobre vontades e instâncias maiores que a governavam.

No próximo item, discorreremos sobre alguns conceitos basilares dos estudos de Foucault, em se tratando de discurso, ideologia, construção dos sujeitos, da construção do verdadeiro a partir das vontades de verdade, dos regimes de verdade e das relações de poder, termos essenciais para nossa análise acerca da constituição do sujeito-mulher no campo da Literatura de estilo medieval.

## **2.1 O discurso e seus mecanismos de controle**

O discurso é um objeto social e histórico, lugar no qual é possível entender as relações entre o sujeito e a linguagem, e de sua produção de sentido. É o rito das palavras, mesmo daquelas que não são ditas.

Em *A Ordem do Discurso*, Foucault (1999) fala sobre o poder do discurso, suas esferas, sua ironia. O autor afirma que tal ordem é arriscada, pois, instituições poderosas a governam, e embora o discurso possa parecer mero jogo de sentidos, várias são as instâncias que o coagem.

Segundo Foucault (1999), não há espontaneidade na produção discursiva, ante o fato de que o uso dos signos na construção dos sentidos é “administrado” pelo corpo social a quem se delega tal missão, tais como juízes, professores, padres, advogados, dentre outros. O discurso passa por uma ordem de seleção, que o autor afirma estar presente em todas as sociedades e que engloba processos que organizam e redistribuem o discurso e tem por função “conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (FOUCAULT, 1999, p. 9).

Os dizeres femininos, alicerçados na esfera do discurso feminista, perante o ponto de vista das instâncias superiores, carregavam um apelo sedutor e maléfico, que desaprumariam aqueles que eram considerados de boa índole. A materialidade desses dizeres era temida e rechaçada, dado o mal que a essa materialidade se ligava. Surgia, portanto, a necessidade de uma punição, oriunda da instância governante, uma maneira de controlar o peso de tais dizeres, punição que quase sempre era violenta e cruel, culminando na morte de centenas de mulheres, artifício utilizado para controlar a temida materialidade do discurso feminista.

Dado o poder presente no discurso, inúmeras instituições tentam, a qualquer custo, controlar aquilo que é proferido e o sentido causado, partindo-se do pressuposto que discurso é poder, seja ele benéfico ou não. O discurso possui várias esferas, tais

como a médica, a religiosa, a jurídica, a militar, a androcentrista, a feminista, dentre outras. Para fundamentar seus dizeres, os sujeitos buscam respaldo nas esferas discursivas, provocando a construção de sentidos ante o que é proferido.

Tomemos como exemplo os pronunciamentos<sup>10</sup> de Adolf Hitler. Alicerçando-os no discurso médico, religioso e militar, Hitler conseguiu suscitar naqueles que o ouviam, uma interpretação que gerou sentidos que incitaram uma guerra sangrenta e cruel sem que, ao menos uma vez, o Führer tenha tido a necessidade de utilizar outro “armamento” que não fossem as palavras para conjurar um imenso levante de poderio humano e bélico para sua guerra.

Tendo em vista todo esse poder presente no discurso, métodos de contenção eram empregados na intervenção ante aquilo que era proferido. Foucault (1999) afirma que na sociedade existem vários mecanismos de coerção dos discursos, alguns deles externos. Dentre tais procedimentos de exclusão, o autor cita a **interdição**, limite que proíbe o sujeito de proferir aquilo que quer, na situação que achar pertinente para tal ou em certas circunstâncias, impondo limites para sua enunciação, uma vez que, nem todos podem falar sobre qualquer coisa, pois, uma série de tabus rondam a palavra, sendo esse direito um privilégio de certos sujeitos.

Foucault (1999) diz que o tabu do objeto, o rito das circunstâncias e o direito privilegiado dos sujeitos formam um jogo de interdições que criam grades ao redor de certos assuntos, como sexualidade e política. As mulheres eram vítimas constantes da interdição, visto que sua sexualidade era exacerbadamente repudiada. A elas não era dado o mínimo direito de opinar ou, sequer, de falar na presença de homens, considerados soberanos. As mulheres tinham seus dizeres interditados, seu direito de fala cerceado, o que lhes negava o acesso a defesa, quando eram condenadas por crimes de heresia.

Todo esse aparato de contenção faz-se necessário, uma vez que, mesmo que pareça algo corriqueiro, o discurso não o é, e são as interdições que o interpelam que tornam tal afirmação verdadeira, expondo sua ligação direta com o desejo e o poder, pois,

---

<sup>10</sup> Para não confundir o leitor, utilizaremos o termo **pronunciamento** para designar a fala tida comumente como discurso.

[...] o discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é também aquilo que é o objeto do desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominância, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar. (FOUCAULT, 1999, p. 10)

Outro mecanismo de coerção é a **rejeição**. Para exemplificar esse mecanismo, Foucault (1999) utiliza o discurso do louco, pois, era através de suas palavras que reconheciam sua loucura. Na Idade Média e por muito tempo depois, o discurso proferido pelo louco não podia circular junto com os outros, pois, era nulo, rechaçado, desimportante. O louco era impedido de firmar acordos, assinar contratos ou até mesmo de comungar durante atos religiosos, bem como o é ainda hoje.

A palavra era o lugar de separação entre o louco e os demais sujeitos da sociedade. De grosso modo, sua palavra, por vezes, nem sequer existia. Porém, havia outra face nesta moeda. Quando não era rejeitado de imediato e jogado ao esquecimento, o discurso do louco era tido como a materialização de verdades ocultas. Mesmo quando era proferido com ingenuidade, tal discurso era visto como palavras do futuro, vaticínio de uma sabedoria que a sociedade, dita sã, não possuía, uma razão inocentemente astuciosa.

Em várias das muitas versões que contam a estória do Rei Arthur e sua corte, Morgana, uma das personagens analisadas na presente pesquisa, é descrita como uma bruxa louca, ensandecida, em quem ninguém acredita, rejeitada e temida por possuir o poder do vaticínio, de revelar verdades que deveriam ser ocultas, um exemplo histórico do mecanismo descrito por Foucault.

Se lançarmos nosso olhar sobre a sociedade atual, veremos que o mecanismo da rejeição está ligado de forma indissociável aos discursos das minorias. Gays, negros, praticantes de outras religiões, tais como as religiões africanas, a religião protestante, a filosofia budista, a doutrina espírita ou quaisquer outras que não a Católica apostólica romana, dentre outros, tem seu direito de fala cerceado e seus discursos são taxados como sem fundamento. As mulheres passam também por essa rejeição, desde a Era Medieval, quando eram segregadas, tidas como loucas e demonizadas, tendo seu direito de fala negado e sendo condenadas aos piores castigos, até a pós-modernidade, quando seus discursos acerca de igualdade, liberdade e luta são mal vistos e considerados sem importância.

Dentre tantos meios coercitivos, surge aquele que Foucault denomina como **vontade de verdade**, outro modo de delimitar aquilo que será dito. O autor afirma que as vontades de verdade que atravessaram um longo período na história das sociedades, configuram-se como um sistema histórico constrangedor, visto que depois da passagem de um certo tempo, a verdade não residia mais no que era o discurso ou no que ele fazia e sim no que ele dizia, e o ato ritual, justo e eficaz da verdade deslocou-se da enunciação para o próprio enunciado.

Segundo Foucault (1999), tais vontades de verdade se alicerçam em um suporte institucional, sendo reforçadas e reconduzidas por um conjunto de práticas, principalmente pelo modo como se distribui o saber em uma sociedade, como ele é repartido, valorizado e atribuído. Tendo o apoio institucional, a vontade de verdade pode exercer um maior poder sobre os outros discursos.

É nas vontades de verdade que estão inclusos os **jogos de verdade**, que o autor considera como um conjunto de regras para a produção de verdade, vendo então o termo “verdade” como temas que são fabricados em devidos momentos da história. A “verdade” seria, por assim dizer, transitória, mutável e sujeita as adequações sociais e históricas de certas comunidades. Tomemos como exemplo o fato de que se acreditava que era verdade que as mulheres, tidas como bruxas na Idade Média, dançavam nuas nas florestas com o Diabo, tornando-se suas esposas e mantendo conjunções carnavais com a nefasta entidade.

Porém, em se tratando da produção do verdadeiro, tanto as vontades de verdade quanto os jogos de verdade se alicerçam no que Foucault denomina como **Regimes de verdade**. Segundo o autor, um regime de verdade é “o que constrange os indivíduos a [...] atos de verdade, o que define, determina a forma desses atos e estabelece para esses atos condições de efetivação e efeitos específicos” (FOUCAULT, 2014, p.85).

Em outras palavras, regimes de verdade determinam as obrigações dos sujeitos ante a manifestação do verdadeiro e seus procedimentos, forçando-os a um certo contingente de atos de verdade. Por exemplo, no Medievo, dois grandes regimes de verdade eram vigentes: o regime de verdade patriarcal e o regime de verdade matriarcal. As vontades de verdade que os homens nutriam acerca da mulher e que os faziam agir como seus donos e acreditar que elas eram seres inferiores tinham seu alicerce no regime de verdade patriarcal que respaldava tais vontades.

Os jogos e as vontades de verdade existem em consonância com o exercício do poder e a ele se juntam na construção da ideologia dos sujeitos. Para Foucault (1999), o poder não é um “objeto” que possa ser propriedade de uns e não de outros. Ele é exercido por diferentes esferas da sociedade, em qualquer tempo, transitando entre os sujeitos, tendo como arauto o discurso, o que caracteriza-o como um conjunto de relações que circulavam por todo o corpo social, o que, para o autor, dava origem às **relações de poder**.

O poder, então, seria como uma espécie de pequenas lutas espalhadas por toda a sociedade, sendo os sujeitos não seus detentores e sim produtos de suas relações, pois, não importa em que tipo de relação humana, seja ela amorosa, social, financeira, o poder estará sempre presente, incitando os sujeitos a criarem modelos pra gerirem suas condutas e a conduta dos outros. No medievo, o marido ou o responsável masculino era quem moldava a conduta das mulheres, dizendo-lhes o que deviam fazer, como deviam agir e se portar, não importando a idade ou classe social na qual tais mulheres estivessem inseridas.

Segundo o autor, são as **relações de poder** em conjunto com os **jogos de verdade** que levam os indivíduos a se constituírem em sujeitos. Os jogos de verdade, determinantes do sujeito “verdadeiro”, estão interligados à moralidade, convite implícito para que o indivíduo se perpetue como sujeito moral.

Em se tratando de moralidade há um aspecto que engloba os códigos de comportamento a serem seguidos pela sociedade, cuja gênese provém das instituições superiores, que implantam as leis que regem os princípios pelos quais os homens devem se guiar, submetendo-se a eles e obedecendo-os, ainda que a revelia, sob o medo da punição ordenada pela instância superior. Usemos para exemplificar tal afirmação, o medo que as prostitutas nutriam ante a proximidade com a nobreza, uma vez que, sabiam que se esse contato existisse, a punição vinda das instâncias eclesiásticas seria severa, o que lhes condenava a uma vida de penúria e humilhações.

Outro aspecto da moralidade diz respeito ao subjetivo, a relação consigo mesmo, o exame de si, a consciência de si para as mudanças que buscam promover em si mesmos. As duas faces da moeda que compõem o sujeito enquanto ser moral, uma vez que a moralidade se legitima na relação entre o código a ser seguido, a exterioridade e ao próprio indivíduo em seu conhecimento acerca de si mesmo.

As relações de poder, por sua vez, estão ligadas ao saber. Quanto mais alta a esfera do saber, maior é o poder que delega o discurso nela contido, como por exemplo o poder da esfera religiosa, que promoveu massacres em nome de regras rígidas que não permitiam que outra conduta religiosa que não aquela prescrita nos cânones católicos fosse exercida, cujo descumprimento acarretaria castigos inomináveis, quiçá a morte. Foucault (1995) afirma que o poder, em seu exercício, não é uma relação entre parceiros, sejam estes individuais ou coletivos. O exercício do poder é, na verdade, um modo de ação de uns sobre outros.

Porém, as relações de poder não estão, de fato, ligadas à submissão de certos indivíduos, uma tomada de sua liberdade, afinal, o poder é exercido sobre sujeitos livres. Essas relações não funcionam se as determinações estão saturadas. Não há relações de poder sobre indivíduos presos, há sim uma relação de coerção física. Uma relação de poder precisa a todo tempo reconhecer o outro sobre o qual ela se exerce, tendo-o até o fim como sujeito da ação, necessita-se também que seja instituído um campo de respostas e reações possíveis ante tal relação.

No que diz respeito às mulheres medievais, entendamos que, por vezes, as relações de poder tornavam-se relações de violência, castradoras e opressivas, nas quais a instância superior eliminava aquilo que impedia o exercício de seu poder. Porém, para que as relações de poder se dessem, as mulheres teriam que ser livres, e por menor que fosse tal liberdade, ela existia.

Ainda que o corpo tivesse grande parte de sua liberdade cerceada, elas ainda podiam se negar a cumprir com suas obrigações conjugais ou se manterem em greve de fome e, de certa forma, a mente ainda gozava de uma centelha de resistência ante o mando dos homens, aprendendo as artes do curandeirismo e da magia, tornando-se instruídas em diversas áreas do conhecimento, quebrando o pressuposto de que eram inferiores em inteligência.

Era esse medo de que as mulheres se rebelassem que atraía o olhar das instituições superiores, era por causa desse desejo de liberdade que muitas mulheres procuravam expandir seus pensamentos e suas práticas e eram condenadas por tal ato de revelia. Essa resistência configurava uma liberdade negativa ou uma não-liberdade, já que ela não dava à mulher o direito de agir como lhe aprouvesse, mas sim de resistir às relações de poder as quais era sujeita.

Tal explicação fez-se necessária para que elucidemos os equívocos que possam surgir diante do conceito das relações de poder e de seu exercício em consonância com a liberdade dos sujeitos, conceituação postulada por Foucault e aqui discutida. Esta preocupação advém do fato de que, em muitos pontos do presente trabalho, explicitamos a sujeição sofrida pelas mulheres na Idade Média, sua “escravidão”.

Apontar o pequeno átomo de liberdade em meio a toda a submissão nos permite entender que as relações de poder que governavam essas mulheres, mesmo que existindo em concomitância com relações de violência, as reconheciam como sujeitos de suas ações, cogitando suas respostas e temendo seu revide. Essa informação é necessária para que não surjam contradições quanto às relações analisadas em nossa pesquisa.

Portanto, as relações de poder não estariam relacionadas sempre a atos de violência, havendo uma relação de consentimento prévio, pois liberdade e poder não são conceitos excludentes, mas, precisam conviver juntos, provocando-se a cada instante para que as relações e o exercício do poder possam existir. As relações de poder são um conjunto de ações sobre ações, que se infiltram na sociedade, não vivendo acima dela, mas em seu eixo, possibilitando que alguns possam agir sobre a ação dos outros, uma vez que não há sociedade livre de tais relações.

Após discorrermos sobre o discurso e seus métodos de controle, conceitos cuja relevância é de fundamental importância no presente estudo, adentraremos agora noutra vertente do discurso, pertencente a outro campo da subjetividade humana: o da memória.

## **2.2 O discurso e a memória**

A memória é um repositório da linguagem. Nela guardam-se discursos cuja significação é de extrema relevância para a construção dos sujeitos. Orlandi (2002) nos diz que “é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra”. (ORLANDI, 2002, p. 31). Se atentarmos para essa afirmação, é possível compreender que tudo aquilo que é dito, tem sua base lançada em um saber memorial de seu locutor, e toca, em diversos pontos, dizeres já produzidos em algum outro tempo e lugar.



Todo discurso é, portanto, composto pelo já-dito, sua constituição de sentido (memória) e o que será dito (formulação atual). Tenhamos em vista que, os dizeres não são meras mensagens a se decodificar e sim efeitos de sentido. Esses sentidos são compostos pelo que é dito ali, mas também, entrelaçam-se com o que já foi proferido antes, bem como com o que não é dito, o que poderia ter sido dito e não o foi. Por assim dizer, aquilo que está nas entrelinhas do discurso também faz parte dele.

Nessa relação entre o já-dito, o dito e aquilo que se há de dizer, entrelaçam-se os conceitos de **Interdiscurso** e **Intradiscurso**. O Interdiscurso seria todos aqueles dizeres já ditos e arquivados, enunciados que representam o dizível. O Intradiscurso, por sua vez, representa a formulação, aquilo que está sendo dito naquele dado momento, em dada circunstância. É através da relação entre inter e intradiscurso que os dizeres exercem sentido, pois, só podemos constituir um pronunciamento se aquilo que é formulado estiver na perspectiva do dizível, da memória. Todo discurso, portanto, forma-se entre os dois eixos, o da formulação (atualidade) e o do dizível (memória).

Se propusermos um diálogo entre o novo e o antigo, veremos que cada discurso de luta e de resistência toca os discurso de eras há muito passadas, através da memória discursiva. Se olharmos para a luta feminina nos dias atuais, veremos que os conceitos de interdiscurso e intradiscurso se cruzam de maneira indissociável. As mulheres de hoje trazem em seus pronunciamentos a força da luta pela liberdade que lhes era cerceada no passado, e tais dizeres estão arraigados em sua memória discursiva através das vozes alheias que a interpelam, trazendo a força da historicidade para a formulação daquilo que está sendo dito, o intradiscurso.

Surge-nos, então, a consciência de que o ponto de confluência entre o atual o antigo tem grande papel na formação ideológica dos sujeitos, enquanto participantes da ordem social. São os discursos do passado em congruência com os discursos do presente que formam a ideologia dos indivíduos, que dão margem para suas lutas, para seus pontos de vista.

Após termos atravessado o campo da memória, discorreremos agora sobre as partes que formam o todo que existe em cada indivíduo, que o legitima como sujeito dotado de individualidade e ideologia. Partamos, então, para os terrenos da identidade e dos estereótipos.

### 2.3 Identidade, sujeito e estereótipo

Rodrigues (2016) nos fala que “As definições sobre o que vem a ser identidade, no tempo presente, são muito compartimentadas em cada disciplina dos estudos sobre cultura, e apresentam-se, amiúde, contraditórias, inconclusivas e inconstantes.” (RODRIGUES, 2016, p. 14). A inconstância nas pesquisas sobre identidade provém do fato de que os sujeitos não possuem uma identidade completa, fixa. Toda construção identitária perpassa o imaginário, é um processo constante de formação. Ela não surge de uma plenitude de identidade interior, mas sim da ausência de integridade estrutural, que será então suprida através do contato do sujeito com o exterior e com o modo que ele imagina ser visto pelo outro.

A identidade, antes tida como algo unificado, há tempos vem sendo fragmentada, e o sujeito, que na perspectiva cartesiana dizia-se estável, passa a ser constituído não por uma, mas, por várias identidades que, por vezes, são contraditórias. Hall (2002) afirma que “[...] as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado.” (HALL, 2002, p. 7). Possuir uma identidade única não deixa de ser uma “fantasia”, uma vez que, a construção de uma identificação está intrinsecamente ligada à mobilidade, é algo não estanque. Seria então infinita a busca por uma identidade “perfeita”.

Essa fragmentação identitária pode ser observada na tríade de personagens, escolhidas como objeto de estudo desta pesquisa, especialmente em Morgana, cujas identidades múltiplas a levam, muitas vezes, a não saber quem verdadeiramente é. As mulheres da Idade Média tinham sua identidade violada, não podiam construir sua identificação através de vivências que legitimassem essas mulheres como sujeitos, que lhes desse um lugar de pertencimento.

Dicionários como o Houaiss nos dizem que identidade é o conjunto de características próprias de um indivíduo, a consciência de sua personalidade, do ato de pertencer a algo ou algum lugar. Quanto a esse “pertencimento” enquanto parte da busca por uma identidade, Bauman (2005) nos diz que aqueles que procuram por sua identificação se vêem diante de uma tarefa intimidadora, e acabam tendo contato com “comunidades”, entidades definidoras da identidade, que podem ser de dois tipos: um que se une por ligação absoluta, outro que se une por ideias e princípios. O autor afirma

que a busca pela unificação identitária se inicia quando o indivíduo estabelece contato com comunidades da segunda ordem e subtende que a ela pertence.

A procura por uma identidade única pode durar toda uma vida, uma vez que

o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e [...] as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. (BAUMAN, 2005, p. 17)

As ações e as escolhas feitas por Morgana, Viviane e Guinevere, personagens analisadas na presente pesquisa, fizeram-nas ter uma relevante importância na obra de Marion Zimmer Bradley. São bandeiras da luta travada nos cenários femininos do final da década de 70, quando as mulheres ganhavam força e voz. Elas mostram a capacidade de subverter os estereótipos de submissão que rondavam a mulher na Era Medieval. Sua busca pelo pertencimento as levou ao ápice da coragem, à entrega necessária para serem quem foram.

Na Idade Média, as mulheres viviam sob uma enxurrada de estigmas, tais como bruxas, prostitutas, adoradoras do demônio, instrumentos do mal, que lhes rendiam acusações infames pelas quais pagavam um alto preço. Por não terem direito à voz, privilégio hegemonicamente masculino, não podiam defender-se e acabavam sendo dizimadas. Bauman (2005) afirma que “ as “identidades” flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas.” (BAUMAN, 2005, p. 19). Toldada a sua liberdade, numa era obscura dominada pelo androcentrismo, as mulheres não tinham voz ou vez, e as identidades lançadas sobre elas acabavam sobrepujando a realidade.

Falar sobre identidade é inevitavelmente percorrer o caminho do conceito de sujeito, uma vez que entendemos as identidades como categorias do sujeito. Para Foucault (1984), o sujeito é histórico, produzido por sua própria história e pela história que o permeia através dos jogos de verdade. O sujeito não seria uma “substância”, mas sim uma “forma”, que não seria sequer idêntica a si mesma, uma vez que, a cada relação estabelecida, esse sujeito se portará de uma forma diferente. Essa constituição histórica dos sujeitos interessa em muito à Foucault, os meios de conduzir-se que ao sujeito são impostos por sua sociedade e cultura.

Pensar em sujeitos livres poderia ser um conceito tido como contraditório, posto que, sujeito é aquele que se sujeita ou é sujeitado, porém, Foucault (1984) postula que, ainda que haja uma sujeição, todo indivíduo tem diante de si um campo de comportamentos e condutas, possibilidades de resistência. Os processos de subjetivação estariam intrinsecamente ligados ao poder e a verdade, pois, ao ser colocado em relações de produção e de significação, o sujeito é também colocado em relações de poder extremamente complexas. Em *O Sujeito e o Poder*, Foucault (1995) nos diz que “o sujeito é dividido em seu interior e em relação aos outros” (FOUCAULT, 1995, p. 231).

Em se tratando do sujeito-mulher, Louro (1997) afirma que a segregação social e política sofrida pelas mulheres ao longo do tempo acarretaram em sua invisibilidade, tornando-a um sujeito invisível também no campo das ciências. Na Idade Média, as mulheres não tinham direitos políticos e nem um lugar na sociedade. Eram anuladas enquanto seres humanos, vivendo sob brumas de esquecimento. Porém, essa invisibilidade era, em alguns momentos, subvertida e os estereótipos quebrados. Louro (1997) postula que

É preciso notar que essa invisibilidade, produzida a partir de múltiplos discursos que caracterizaram a esfera do privado, o mundo doméstico, como o "verdadeiro" universo da mulher, já vinha sendo gradativamente rompida, por algumas mulheres. Sem dúvida, desde há muito tempo, as mulheres das classes trabalhadoras e camponesas exerciam atividades fora do lar, nas fábricas, nas oficinas e nas lavouras. (LOURO, 1997, p. 17)

Para Oliveira & Pinheiro-Mariz, surge então um novo modelo de sujeito feminino, o *sujeito-mulher-deligente*, que abandona as vontades de verdade em relação aos estereótipos de princesas que tudo esperam dos homens e que fazem deles seus provedores, e renascem como sujeitos participativos, ativos e produtivos ante a sociedade da qual fazem parte. Morgana e Viviane, duas das personagens analisadas no presente trabalho, encaixam-se no modelo de mulheres deligentes, abrindo mão da condição de princesas e assumindo uma personalidade resistente e provedora de seu próprio sustento.

Como afirmam as autoras, no tocante a essa transformação

A emancipação feminina é hoje *vontade de verdade* manifesta em inúmeras formações sociais, e consolidada por diversos *jogos de verdade*, inclusive pelos *jogos de verdade* do discurso jurídico quando afirma e reafirma os direitos legítimos do sujeito-mulher. Hoje, a identificação do *sujeito-mulher-deligente* conquista espaços mais sólidos e profícuos do aqueles da identificação do *sujeito-mulher-princesa*. (OLIVEIRA & PINHEIRO-MARIZ, 2009, p.)

Os sujeitos possuem vários papéis sociais e os utilizam nos diversos âmbitos que ocupam, sejam esses a casa, o trabalho, a roda de amigos, o âmbito familiar. O sujeito-mulher não age da mesma forma com sua prole e com seu chefe. Não tem a mesma conduta em momentos de lazer como tem no âmbito de trabalho. O papel social é responsável pela conduta dos sujeitos em diferentes ocasiões.

A busca por uma identidade e a constituição dos sujeitos ligam-se intimamente à construção de estereótipos. Para Possenti (2004), assim como a identidade que é social, imaginária e representada, o estereótipo também o é, constituindo-se socialmente e se caracterizando como uma “redução” quase sempre negativa da realidade, um simulacro. Na Idade Média e por muito tempo depois, as mulheres foram (e têm sido ) vítimas de estereótipos deturpados, que sobrepujam suas identidades. Bruxas, demônios, fracas, burras, fáceis, desfrutáveis, frágeis, são alguns desses estereótipos, lançados e insuflados por aqueles considerados “superiores”. Possenti (2004) pontua que “o simulacro é uma espécie de identidade pelo avesso – digamos, uma identidade que um grupo em princípio não assume, mas que lhe é atribuída de um outro lugar, eventualmente, pelo seu outro.” (POSSENTI, 2004, p. 152).

A busca pela quebra e subversão desses estereótipos perdura até hoje, ecoa as vozes dos pronunciamentos passados que nos falam das mentiras lançadas sobre o sexo feminino e a violência que essa estereotipação lhes rendeu. Os estigmas que a mulher carrega desde os primórdios da humanidade, sua luta pela ruptura dos paradigmas e dos pressupostos acerca de sua existência, as dores e as marcas indelévels que permeiam a história feminina, moldam a busca por uma identificação, fortalecem a construção dos sujeitos e a quebra dos estereótipos errôneos espalhados ao longo dos séculos, fazendo com que as mulheres fortaleçam sua subjetividade e sua ideologia, tornando-se sujeitos ativos e merecedores dos lugares que elas tem conquistado.

Após o longo percurso através dos campos do discurso, da memória e da constituição dos sujeitos, adentraremos os luminares caminhos da análise, valendo-nos das teorias da AD já aqui discutidas, procurando vestígios da formação do sujeito

feminino na literatura, berço da história humana, mais precisamente no romance de estilo medieval, atentando para as relações de poder, os jogos de verdade e os demais mecanismos controladores dos discursos ali presentes.

Procuraremos buscar as marcas da subversão feminina ante os discursos e regimes de verdade, mostrando através da literatura suas lutas e percalços.

### **3 A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO FEMININO: AS MULHERES DE AVALON NA ORDEM DO DISCURSO**

A verdade tem muitas faces e assemelha-se à velha estrada que conduz a Avalon: o lugar para onde o caminho nos levará depende de nossa própria vontade e de nossos pensamentos...

*(As Brumas de Avalon – A Senhora da Magia. Prólogo)*

Alicerçadas em regimes de verdade e em discursos poderosos, as vontades de verdade criadas acerca da mulher segregaram-na, ao longo da história, ao sopé da sociedade, tornando-as, por muito tempo, sujeitos invisíveis.

A produção da verdade amalgama-se ao momento sócio-histórico no qual se constitui, metamorfoseando-se juntamente com a história e os ditames de cada sociedade. Essa transitoriedade do verdadeiro serve de alicerce às vontades de verdade, oriundas do sistema de instituições existente dentro de cada sociedade. Essas vontades dão base à criação de dispositivos de poder que delimitarão aquilo que pode ou não receber o *status* de verdadeiro.

As vontades de verdade acerca do sujeito-mulher pregaram por muitas eras sua submissão e opressão. O medo ante os mistérios que rondavam a figura feminina, induziu o homem a conjurações contra sua liberdade e a perseguições irrefreáveis, na tentativa de reprimir o sujeito-mulher, impondo-lhe um lugar social inferior e de subserviência.

Lançando nosso olhar para além do véu das vontades de verdade e das relações de poder, surge-nos uma incauta pergunta: qual o “real” lugar do sujeito-mulher na ordem social e a partir de quais perspectivas tal sujeito se constitui? Para buscar uma resposta a esse enigma, é premente a necessidade de investigar a constituição do sujeito-mulher sob o prisma de dois olhares: o olhar da mulher acerca de si mesma e o olhar masculino, eivado de dogmas e regimes de verdade do patriarcado. Em nosso trabalho buscamos, como já dissemos, fazê-lo pelo viés da literatura, uma vez que, como diz Gama-Khalil (2010)

O texto literário, por sua condição ficcional, tem a liberdade – poética – de inventar verdades. No entanto, o que percebemos lendo a literatura espalhada pelos séculos é que essas invenções de verdades não fogem às verdades históricas, ou seja, ao simular uma outra verdade, uma outra vontade de verdade, a literatura se acerca das verdades instituídas historicamente e faz os homens refletirem sobre suas incoerências, sobre aquilo que é desordenado e que a sociedade arruma para parecer ordenado. A literatura abriga a ambiguidade e a incerteza banidas pela sociedade. (GAMA-KHALIL, 2010: p.190)

Portanto, pelo prisma do discurso ficcional, é no ponto de confluência entre esses dois olhares, bem como em suas divergências, que encontraremos a resposta que buscamos, entendendo, ainda que minimamente, como se constitui o sujeito-mulher e qual o seu lugar na ordem do discurso, enquanto sujeito, perante o regime de verdade matriarcal e o legado do patriarcado.

### **3.1 O sujeito mulher na perspectiva feminina: o abandono dos pressupostos**

... Não era fácil sentar-se tranquilamente atrás de muros e esperar notícias dos grandes acontecimentos que se passavam na terra. Talvez fosse esse o destino de toda mulher, mas ela o evitaria, enquanto possível.

(*As Brumas de Avalon – A grande Rainha. p,40*)

Após as discussões tecidas acerca do discurso, dos sujeitos, das vontades de verdade e das relações de poder, conceitos basilares do arcabouço teórico de nossa pesquisa, voltaremos o olhar ao *corpus* literário escolhido para a nossa análise. Analisaremos o olhar feminino sobre si mesmo através das perspectivas das personagens Morgana, Viviane e Guinevere, oriundas da saga *As Brumas de Avalon* da escritora norte-americana Marion Zimmer Bradley. Para tal, utilizaremos sequências discursivas (doravante SDs) retiradas do corpo da obra, com a finalidade de encontrar aquilo que é denunciado pela autora, em se tratando do lugar social do sujeito-mulher.

*As Brumas de Avalon* retrata a realidade da mulher na Era Medieval, seus fardos e seus temores, bem como seus amores e desejos. As personagens escolhidas para nossa análise possuem olhares ricos acerca de seus lugares enquanto sujeitos, em se tratando das problemáticas vigentes em sua época. A **sexualidade** é temática recorrente na obra de Bradley, e Morgana, Viviane e Guinevere nos mostram como o sujeito-mulher se portava ante tal tema, como podemos ver nas SDs abaixo:



SD1

“... ou vestem-na com o manto azul da Senhora de Nazaré [...] que, dizem, foi sempre **virgem**<sup>11</sup>. Mas o que pode uma virgem saber das mágoas e labutas da humanidade?” (*As Brumas de Avalon – A Senhora da Magia. Prólogo*)

SD2

\_Gostaria que você não estivesse **prometida** à Deusa \_ murmurou ele.

\_Eu também \_ concordou Morgana, suavemente.

\_Deixe-me abraçá-la, assim... Jurei que não ultrapassaria os **limites...**

Ela fechou os olhos; já não se importava. Seu juramento parecia estar a mil léguas e mil anos de distância, e nem mesmo a lembrança da **raiva** de Viviane poderia detê-la.” (*As Brumas de Avalon – A Senhora da Magia. p,187*)

SD3

“[,,] deixou o pensamento perder-se pelo passado, por outros tempos, em que ela desempenhou o papel da Deusa no Grande Casamento... não havia sido mais que um **dever**, por vezes agradável, por vezes não, mas sempre **ordenado e controlado** pela Grande Mãe que governava sua vida desde que chegou ali.” (*As Brumas de Avalon – A Senhora da Magia. p,198*)

Na SD1, Morgana fala sobre sua Deusa. Ela cita a forma de agir dos padres, que comparam a Deusa e o sagrado feminino com Maria de Nazaré, mãe de Jesus, e se espanta ante a perspectiva de que Maria tenha se mantido sempre virgem. Para Morgana, uma sacerdotisa de Avalon e seguidora de uma cultura matriarcal, o corpo é também um templo, e é através do ato natural e sagrado do sexo que a mulher conhece a si mesma e ao mundo, aprendendo sobre a vida e sua origem.

Por isso é espantoso para Morgana que uma virgem possa entender algo sobre a humanidade, pois, sua Deusa é mãe e está ligada às celebrações pagãs do sexo e da fertilidade, diferente de Maria, que concebeu seu único filho divinamente, sem conjunção carnal, que não sabe das dores e prazeres do mundo. Esse culto ao sexo e o conhecimento advindo dele subverte o lugar que a sociedade relegava à mulher, lugar de

---

<sup>11</sup> As palavras evidenciadas em grifito nos excetos são grifos nossos.

castidade, de caráter pudico, tendo o sexo como algo sujo, voltado apenas para a obrigação da procriação.

Na SD2, vemos Morgana mais uma vez em contato com sua libido. A jovem sacerdotisa tem sua virgindade prometida à Deusa, por meio de um voto de castidade, mas Morgana vê-se tentada a quebrar seu juramento quando encontra seu primo Lancelote, filho de Viviane. O desejo que Morgana sente a faz tomar consciência de sua sexualidade. Pela primeira vez, a sacerdotisa sente-se decidida a romper seus votos, e nem mesmo a sombra da punição oriunda da instância superior, aqui representada por Viviane, faz com que a moça renegue seu desejo.

O sujeito-mulher, na ordem do discurso, tinha seu direito a liberdade interdito e cerceado, tornando-se um sujeito invisível. Em se tratando de sexualidade, o que Foucault (1999) afirma ser um tabu, o sujeito feminino era constituído por severas leis, que relegavam a mulher à nulidade do desejo, execrando sua sexualidade dando-lhe uma roupagem suja e pecaminosa. Morgana vai contra o pressuposto de castidade historicamente ligado a mulher, pois, como seguidora de um culto pagão, baseado na cultura matriarcal e que celebra a fertilidade, a sacerdotisa vê a sexualidade como algo normal e necessário à renovação da vida.

Morgana, ainda que proibida por um poder maior, responde ao chamado da natureza, mesmo sabendo que a punição seria severa. Mesmo refém de uma relação de poder, Morgana tem diante de si um campo de possibilidades que lhe permite revidar ante a opressão da instância superior, bem como afirma Foucault (1999), quando trata do poder e suas relações. Crescendo em Avalon, ela afasta-se do perfil de sujeito-mulher-princesa e constitui-se como um sujeito-mulher-deligente, novo tipo de sujeito feminino que luta por seu destino, que resiste ao regime patriarcal, que vai contra as ordens do matriarcado e que renega o lugar que lhe é destinado.

Na maior parte da obra, é a “voz” de Morgana que denuncia o lugar da mulher na ordem social. Lugar de opressão e subserviência, eivado de dogmas falocracistas. Lugar ao qual o sujeito-mulher é relegado pelo poder dos regimes de verdade. Lugar no qual os tabus e interdições, as relações de poder e as vontades de verdade, constituem um sujeito fragmentado.

Tais denúncias suplantam o mundo ficcional, transportando-se para a realidade tanto da época de criação da obra *As Brumas de Avalon*, quanto para a

contemporaneidade, uma vez que o sujeito é também um lugar histórico. O discurso feminista da atualidade em muito toca o discurso feminista de outros tempos, denunciando a marginalização do sujeito-mulher na ordem social.

Em nossa pesquisa, buscamos desvendar os melindres da construção identitária da mulher. Propusemo-nos, portanto, a investigação de algumas etapas do caminho traçado pelo sujeito feminino na busca por sua legitimação, e para tal, nos foi prementemente necessário, reconhecer o poder dos regimes de verdade na constituição do sujeito-mulher, sejam eles patriarcais ou matriarcais.

Expusemos, até o devido momento, a resistência do sujeito-mulher contra o patriarcado e seu regime de verdade. Todavia, nossa pesquisa não se configura como um simples levante feminista. Nosso trabalho, na verdade, propõe uma investigação acerca da constituição do sujeito feminino, da busca pela legitimação de sua subjetividade.

É primaz que reconheçamos, então, que mesmo não estando subjugado ao regime patriarcal, o sujeito-mulher não é deveras livre, pois, há sempre uma ou mais relações de poder perpassando sua vivência.

Morgana, embora não esteja sob o jugo do olhar do patriarcado, está submetida ao regime matriarcal e a ele se reporta. Ela foi prometida para a Deusa, dada em oferenda sem que sua vontade tenha sido consultada. Ela serve ao sagrado feminino e deve obediência a Viviane, representante do matriarcado. Ela lida abertamente com o sexo, mas não pode se entregar ao seu desejo, pois, está sob as ordens do regime ao qual responde.

Ainda que vivendo em Avalon, lugar no qual os homens não possuem influência, ela não é livre da subalternidade e da obediência aos regimes de verdade. No entanto, ainda assim, Morgana demonstra uma certa rebeldia e tenta sublimar as ordens que lhe regem, configurando uma quebra na ordem social.

Morgana se rebela e desafia o poder de sua Deusa, às vezes por amor, noutras por ódio ou rancor. Mesmo estando presa ao regime matriarcal, ela resiste, não se deixa submeter, empreende um levante contra os grillhões das relações de poder que a aprisionam. Morgana é, pois, um sujeito subversivo.

Ainda em se tratando de sexualidade, na SD3 testemunhamos um devaneio de Viviane, que se lembra de sua juventude e da perda de sua virgindade. A Senhora do Lago enxerga o sexo como uma oferenda à sua Deusa, cumprindo um dever que lhe é imposto por um poder maior. Ainda assim, o “sacrifício” não deixa de ser prazeroso, a depender daquele que cumpra com Viviane o chamado da Deusa.

Viviane é uma ruptura no paradigma, quando abandona os pressupostos acerca do sujeito feminino. A Senhora da Magia é poderosa e temida pelos homens. Ela sublima o lugar social que lhe seria pelos homens imposto.

Levando em consideração que o sujeito se constitui através de sua relação com o mundo e com o meio no qual está inserido, podemos entender a constituição de Viviane enquanto sujeito-mulher. Nascida em Avalon, ela dedicou sua vida à uma cultura pagã alicerçada num regime de verdade matriarcal. Ao suceder a mãe como Senhora do Lago, Viviane assume um lugar de poder, sendo colocada no lugar social de líder pela supremacia de sua linhagem, o que lhe rende certa autoridade, mas também uma grande obediência a sua Deusa.

Essa autoridade acaba por imbuir Viviane de força e coragem para desafiar o regime patriarcal, refutando as vontades de verdade que afirmavam que a mulher era propriedade dos homens e a eles tinham a obrigação de obedecer.

No entanto, mesmo sendo senhora, Viviane era também uma serva, que vivia e agia em consonância com o regime de verdade matriarcal e era dele refém. A autoridade que possuía como Senhora da Magia se revertia em uma obediência cega ao sagrado feminino cultuado em Avalon. Servir a Deusa era um sacrifício e Viviane reconhecia isso. Contudo não podia deixar de obedecer, pois, seu lugar de poder e autoridade lhe obrigava a uma subserviência acima de qualquer senso de pertencimento.

Viviane não era livre, pois, os sujeitos não gozam de uma liberdade total, uma vez que as relações de poder estão sempre presentes na ordem social. Ainda que não respondesse ao patriarcado, a Senhora da Magia vivia sob o jugo de uma instância superior, representada pela Deusa que ela cultuava.

Tomemos como exemplo dessa servidão o fato de que Viviane nutria um amor transcendental por Uther, pai de Artur. Porém, o Pendragon estava destinado a Igraine, sua irmã. Viviane teve que resignar-se ante a perda do amor de sua existência, pois, precisava seguir as ordens da instância superior.

Na SD4 retratada abaixo, temos mais um trecho da obra, no qual Guinevere, Artur e Lancelote protagonizam um ato sexual a três. Guinevere abdica do estereótipo de castidade para se entregar ao desejo que sente por Lancelote, causando uma ruptura nos paradigmas acerca da sexualidade feminina.

SD4

“Agora sabia que a insinuação era mais sutil, pois, relacionava-se à possibilidade de ter Lancelote, sem sentimento de culpa, com a permissão e por vontade de seu próprio marido... Numa súbita tomada de consciência, ela pensou: *Era isso que eu queria, afinal de contas; depois de todos esses anos, é certo que sou estéril, que não terei filho, mas pelo menos satisfarei meu desejo...*” (*As Brumas de Avalon – A Grande Rainha*. p.266)

Guinevere nasceu em meio a opulência, cresceu no convento rodeada de padres e freiras, o que lhe despertou uma forte consciência cristã e um temor ferrenho a tudo que não fizesse parte da cristandade. Guinevere se constituiu como sujeito dentro dos “moldes” pressupostos pelo clero, representante do regime patriarcal. Era rainha, portanto deveria manter-se digna e casta.

No entanto, a rainha sai do lugar social que lhe foi imposto, de soberana pura e fidelíssima, para entregar-se ao desejo por Lancelote, sob o consentimento da instância superior, seu marido e rei, Artur, que não apenas “permite” o adultério de sua esposa, como também participa do ato. Ela é oferecida como um objeto pelo próprio esposo, mas, ainda que envergonhada, Guinevere é vencida pelo poder de seu querer.

Por um longo tempo, o sujeito-mulher teve sua sexualidade interdita e taxada como impura. O ato sexual era visto como dever conjugal, cujo intuito era a procriação. Sentir prazer ou desejo era proibido ao sujeito feminino, e o sexo fora dos padrões ou da busca pela continuação da linhagem era visto como sujo e pecaminoso. Dentro dessa cruel perspectiva, a entrega de Guinevere ao desejo sexual e a tomada de consciência ante seu corpo e suas necessidades, denuncia através da voz da autora a subversão do sujeito-mulher ante os grilhões do patriarcado, transformando essa cena, talvez, numa das mais fortes de *As Brumas de Avalon*, em se tratando da ruptura dos paradigmas acerca da constituição do sujeito feminino.

No entanto, mesmo que tal entrega configure uma libertação para Guinevere, é necessário que atentemos para o fato de que, para sair do lugar social que lhe era

imposto, a rainha precisou do aval de seu senhorio. Mesmo se entregando a um desejo antigo, Guinevere não o fez por iniciativa própria, ela foi instada por seu marido e senhor, e só sob sua liberação pôde viver esse momento de luxúria.

A **beleza** é também temática recorrente em *As Brumas de Avalon*. As vontades de verdade acerca da beleza atormentam a tríade escolhida para nossa análise. Porém, enquanto Guinevere nutre dúvidas sobre sua beleza, Morgana e Viviane se ressentem por não a possuir.

O padrão de beleza vigente no medievo tornava o sujeito-mulher um troféu que o homem exibia aos seus iguais. Não ser bela era, portanto, sentença de solteirice e de vergonha, ainda que tais pensamentos fossem provenientes de vontades de verdade acerca do que era belo.

Morgana, Viviane e Guinevere possuem visões diferentes sobre a beleza, como podemos perceber nas SDs abaixo:

SD5

“Sem dúvida, como **todas** as moças, mesmo uma sacerdotisa dedicada ao serviço perpétuo da Deusa preferiria ser **bela**, e sentia-se muito **infeliz** por não o ser.” (*As Brumas de Avalon – A Senhora da Magia. p, 167*)

SD6

“Havia travado a sua **batalha** há mais de vinte anos, quando viu Igraine se transformando em mulher, com a beleza morena pela qual Viviane, ainda jovem, teria trocado de bom grado toda a sua alma e todo o seu **poder**.” (*As Brumas de Avalon – A Senhora da Magia. p, 167*)

SD7

“*Não sou bonita, o que ele vê é o **encantamento** de Avalon. E algo **rebelde** nela fê-la desejar: Quero que ele me ache bonita – a mim e não ao encantamento.*” (*As Brumas de Avalon – A Senhora da Magia. p, 173*)

SD8

“Não, pensou Morgana, ele era belo, ela **pequena e feia**. As palavras penetraram, queimando, o seu coração; **esqueceu-se** de que se parecia com Viviane e que, para ela, Viviane era bela” (*As Brumas de Avalon – A Senhora da Magia. p,191*)

*“Sim, eu sou bela, Lancelote me acha bela; estará o meu senhor Artur satisfeito comigo?” (As Brumas de Avalon – A Grande Rainha. p, 49)*

Na SD5, Viviane divaga sobre Morgana, aliviada pela sobrinha não ser bela, pois, seria a beleza uma espécie de rebeldia para as mulheres que dedicavam sua vida à obediência à Deusa. Ela julga que, assim como as moças em idade casadoura, a sobrinha desejaria ser bonita, mesmo estando prometida ao sagrado feminino.

Nota-se, através das divagações de Viviane que as vontades de verdade acerca da beleza colocavam o sujeito-mulher numa encruzilhada: ser bela e desejada, casar e formar família ou não possuir beleza e aceitar uma vida de reclusão e servidão a outros propósitos que não as vaidades mundanas. Era a beleza então mais uma forma de interdição do sujeito feminino, uma vez que, não possuí-la segregava a mulher ao obscurantismo de não contrair um matrimônio, de não constituir família, de ser relegada a solidão e ao degredo no convento.

Tais vontades de verdade influíam na constituição do sujeito-mulher, levando-o à busca de padrões delimitados por um regime de verdade cujo discurso androcentrista apegava-se a futilidade de ter mais um troféu para exibir, o que ainda pode ser visto na ordem social contemporânea.

Precisamos, porém, esclarecer que, no regime do matriarcado a mulher também era vista como um troféu, que era oferecido à Deusa. Era dada ao sagrado feminino em oferenda, precisava manter-se virgem e essa virgindade era tida como um dístico, um brasão entre as outras mulheres.

Quando não faziam o voto de castidade, as mulheres cumpriam os ritos pagãos de sexualidade, gerando filhos também destinados aos desígnios da Deusa, ainda que as crianças fossem do gênero masculino. Mesmo não sendo tão inferiorizada quanto no regime patriarcal, a mulher não deixava de ser submissa ao matriarcado, e tinha que obedecer às suas ordenanças.

Na SD6, nos deparamos como uma Viviane resignada, numa espécie de acordo de leniência com sua vaidade. As palavras usadas por Viviane demonstram o poder das vontades de verdade na legitimação do sujeito-mulher. A “batalha” travada pela Senhora do Lago foi para sobrepujar a dor de não ser bela como a irmã, para esquecer essa beleza pela qual Viviane abdicaria de seus dons e de sua alma.

Embora Viviane não se deixe afetar pelas vontades de verdade, ela é mulher e sente a necessidade de ser bela, é vaidosa e, ainda que resignada ao seu destino, lembre-se com mágoa de seu difícil trajeto, cujos arquétipos cruéis de beleza tornaram bem mais espinhoso. A autora denuncia então o desgaste emocional que permeia a constituição do sujeito-mulher.

Na SD7, encontramos mais uma prova dessa ideia de beleza como rebeldia. Morgana quer que Lancelote a deseje, mas sabe que a beleza que ele vê faz parte do encanto que ela aprendeu a conjurar em seus anos de treinamento. Ela sabe que deve abdicar da vaidade, foi ensinada a condicionar-se ao seu destino de servidão no qual não necessitaria de beleza, mas Morgana se rebela e deseja ser bela aos olhos do homem que ama.

Essa fuga da imposição proveniente da instância superior, comprova mais uma vez, que ainda que reféns de uma relação de poder, comum em qualquer ciclo da sociedade, os sujeitos encontram maneiras de revidar e subverter o sistema.

Todavia, se atentarmos para os detalhes, veremos que o fato de Morgana ter sido condicionada a um destino de servidão, comprova que mesmo fora do alcance do regime de verdade patriarcal, o sujeito-mulher não era livre, como já dissemos. Mesmo contra sua vontade, Morgana precisava resignar-se ante os desígnios da Deusa a qual servia, e obedecer a Viviane, que por sua vez, representava o poder do regime matriarcal.

Na SD8, vemos mais uma vez o abalo emocional que as vontades de verdade acerca da beleza acarretam na constituição do sujeito feminino. Morgana, após ser chamada de feia pela jovem Guinevere, sente-se envergonhada perante Lancelote, pois, não se considera suficiente para os padrões de beleza de seu amado. A força dessa vontade de verdade é impactante, ao ponto de fazer a jovem sacerdotisa esquecer seu próprio ideal de beleza.

Morgana viveu parte de sua vida na corte de seu pai, na Cornualha, e sabia que a beleza era pré-requisito para um bom casamento. Quando chegou a Avalon, dedicou-se a uma vida de servidão a Deusa, na qual não precisaria ser bela, por mais que se ressentisse por não o ser. Mas a chegada de Lancelote quebra o cenário de paz e provoca em Morgana um desejo irrefreável de ser vista como uma mulher bonita. Tal desejo nos mostra que, ainda que seja um sujeito-mulher forte e livre, Morgana traz em



si as marcas do patriarcado, das vontades de verdade acerca da beleza criadas pelo androcentrismo.

Na SD9, Guinevere conjectura acerca de sua beleza. Embora saiba que é bela, ela teme o crivo de seu futuro esposo. Vemos mais uma vez um sujeito-mulher fragilizado pelos estereótipos oriundos do regime de verdade patriarcal e de suas vontades de verdade, que davam aos homens um poder supremo sobre as mulheres, o poder de serem seus donos. Guinevere tem medo de não satisfazer seu “senhor” e de não ser bela o suficiente, teme ser rejeitada, e nem a certeza de que Lancelote a acha bonita pode apaziguar seus temores.

O conhecimento e a inteligência feminina são também temáticas exploradas na obra. Na Era Medieval, época em que se passa a estória narrada em *As Brumas de Avalon*, o sujeito-mulher era visto pelos olhos do patriarcado como um ser cujo intelecto era parco, não dotado de inteligência suficiente para pensar por si próprio. As mulheres que buscavam expandir seus conhecimentos eram vistas como hereges e bruxas, sofrendo por tal causa, castigos bárbaros.

A “obrigação” do sujeito-mulher era ser submissa, boa para a procriação, bela e facilmente controlável. Sair deste padrão estabelecido pelo regime de verdade patriarcal era desafiar o poder das instâncias superiores. Em se tratando da tríade analisada na presente pesquisa, a subversão aos estereótipos advém do fato de que Morgana, Viviane e Guinevere são mulheres instruídas, como faz-se notável nas SDs abaixo:

SD10

“-Faça com que ele fique em repouso [...] Ele estará brincando dentro de três dias.

-Como sabe? – perguntou o padre.

-Porque **conheço as artes da cura**. O que achou que fosse?

-Não será uma feiticeira da ilha das bruxas?

Viviane deu uma risada abafada.

-De modo algum, padre. Sou uma mulher que, como você, passou a vida no **estudo** das coisas sagradas...” (*As Brumas de Avalon – A Senhora da Magia*. p, 143)

SD11

“*Chamar o fogo e provocá-lo à vontade, fazer baixar as névoas e cair a chuva \_ tudo isso era simples...*” (*As Brumas de Avalon – A Senhora da Magia*. p, 165)

## SD12

“[...] E também seria bom para o reino, repetiu muitas vezes, se tomasse Lancelote da mulher do irmão. Mas sua **rígida consciência** de sacerdotisa continuava a dizer-lhe: *Você não pode fazer isso. É proibido usar a sua magia para **sujeitar** o universo à sua vontade.*” (*As Brumas de Avalon – A Grande Rainha. p, 73*)

## SD13

“Gwenhwyfar jamais poderia contar-lhe, pois suas **razões** pareciam-lhe lógicas. Como explicar à sensata e prática Alienor que eram o próprio peso de todo aquele céu e a vastidão das terras que lhe faziam medo?” (*As Brumas de Avalon – A Grande Rainha. p, 24*)

Em se tratando de sua construção identitária, inúmeros estigmas foram lançados sobre o sujeito-mulher. A baixa intelectualidade era um deles, uma vez que a mulher tinha como dever “apenas” ser bonita, fiel, boa reprodutora e cuidadora do lar, sendo a inteligência um domínio hegemônico dos homens, vontade de verdade postulada pelo regime patriarcal. Na SD10, Viviane refuta totalmente essa estigmatização, mostrando uma sabedoria acima da média, adquirida após anos de estudo.

Confrontada pelo padre, representante direto da Instituição Religiosa, a Senhora da Magia responde com altivez à célebre acusação de bruxaria. A acusação de maledicência e de trato com as artes das trevas era comum, um discurso falocracista propagado pela esfera religiosa que dizimou inúmeras mulheres em nome de um ideário de pecado, que atirava a mulher às garras da inquisição. Viviane responde ao padre que sua inteligência não provém da feitiçaria e sim da dedicação aos estudos acerca das artes da cura, desafiando o poder da instância superior e rompendo o estereótipo de uma intelectualidade parca.

Esse embate antagônico entre o matriarcado, representado pela adoração pagã do sagrado feminino, e a esfera religiosa, é presença constante na obra, artífice utilizado pela autora para denunciar a opressão sofrida pela mulher, a estigmatização proveniente do discurso falocracista, o medo gerado ante o mistério que rondava o sujeito-mulher e as barbáries inspiradas por ele, que lançaram a mulher ao declínio social.

Nas SDs 11 e 12, mais uma vez, o sujeito-mulher vai de encontro aos estereótipos que o cercam, causando mais uma ruptura no paradigma acerca da

constituição dos sujeitos. Morgana é uma mulher forte e instruída, formada nas artes da magia por um longo treinamento que a sagrou sacerdotisa. Na SD11, torna-se implícita a força de seu poder. A sacerdotisa possui grande inteligência e sabedoria, e seus dons são múltiplos. A manipulação do fogo, da água e do ar, elementos essenciais à vida, não passam de uma simples diversão para Morgana.

Essa sabedoria adquirida com afínco configura uma espécie de rebeldia perante o poder do patriarcado, uma vez que, seu regime de verdade apregoava a insipiência feminina. Morgana rompe esse estigma quando amplia seu poder imanente, que advém da linhagem real presente em seu sangue. A sacerdotisa é uma afronta aos padrões vigentes no medievo, pois, não se deixa conter e adentra cada vez mais os caminhos do conhecimento, tidos por muito tempo como lugar de pertencimento masculino.

Na SD12, o poder de Morgana é mais uma vez desnudado. A sacerdotisa sente-se tentada a envolver Lancelote num feitiço de amor, e ela sabe que tem poder e sabedoria suficientes para isso. Mas é sua consciência que fala mais alto, pois, Morgana sabe que não deve utilizar seus dons em favor de si mesma, bem como lhe ensinou o regime de verdade matriarcal ao qual a sacerdotisa servia.

Quando fala sobre “sujeitar o universo à sua vontade”, Morgana reafirma a enormidade de sua sabedoria, uma vez que, se desejasse, poderia subverter a vontade daqueles que a rodeavam, alterando a normalidade vigente. Mas seu dever enquanto representante da deusa a faz respeitar a alteridade dos outros, pois, mesmo sábia, a sacerdotisa precisa resignar-se as leis e as regras do culto ao sagrado feminino.

Morgana, enquanto sujeito que propaga o discurso da esfera feminista, sofre com a rejeição, mecanismo que segundo Foucault (1999) modera e fixa o discurso numa ordem, rechaçando sua materialidade. Seus poderes, seu conhecimento acerca da magia, seu dom para o vaticínio e o fato de ter se constituído como sujeito-mulher no seio de uma cultura matriarcal que serve uma Deusa ao invés de um Deus, fazem de Morgana uma mulher temida, por vezes tida como louca, como feia. Uma mulher demonizada apenas pelo fato de não seguir os postulados.

Mesmo Guinevere, ainda que reprimida por sua criação androcentrista e dogmática, rebela-se contra o patriarcado, pois, pensa e tece conjecturas acerca do universo e de sua vastidão. Na SD13, a jovem futura rainha mostra todo o seu medo ante a grandeza do universo. Diferente das outras mulheres de sua corte, cujos serviços

domésticos e a lida com os filhos são suficientes, Guinevere divaga sobre a vasta imensidão do céu e da terra e sobre os mistérios neles contidos.

Guinevere, sujeito-mulher-princesa constituído sob o julgo do regime de verdade patriarcal, sabe que não é apropriado a uma mulher pensar acerca da existência, mas sua razão lhe diz que há muitos mistérios no mundo, além das muralhas que cercam seu castelo. Mesmo sendo ensinada a sentir-se inferiorizada por ser uma mulher, Guinevere subverte o regime, ainda que inconscientemente, quando torna-se uma dama instruída, capaz de conjecturar acerca da vida e de sua Gênese.

Essa riqueza exposta através do olhar feminino acerca da constituição do sujeito-mulher, presente no desenrolar de *As Brumas de Avalon*, revela o lugar da mulher na ordem social vigente na Era Medieval. A autora faz de sua obra um instrumento de denúncia, mostrando que mesmo sendo atirado à posição mais inferior na sociedade, o sujeito-mulher é capaz de revidar às relações de poder que o vitimam, subvertendo o regime, libertando sua sexualidade, quebrando as vontades de verdade acerca da beleza e expandindo sua sabedoria.

A invisibilidade na qual, por um longo tempo, viveu o sujeito-mulher é subvertida através de uma tomada de consciência acerca de seus desejos e necessidades. O sujeito feminino, embora acorrentado às relações de poder, conjura um revide contra o patriarcado e resiste, mesmo que sua liberdade seja ínfima, ainda que poucos direitos tenha sobre si.

O sujeito-mulher-deligente rompe os paradigmas acerca de sua constituição, assumindo os riscos de uma punição ordenada pelas instâncias superiores, abandonando os pressupostos e estigmas a ele associados.

No entanto, não poderíamos sublimar o fato de que, mesmo que não sejam submissas ao mando masculino, mesmo que não estejam numa posição tão inferior quanto a que ocupavam no regime de verdade do patriarcado, as mulheres, bem como todo e qualquer sujeito, não eram livres. Mesmo que o regime matriarcal delegasse à mulher um lugar de líder, de provedora, ele também lhe cobrava obediência às suas regras. A mulher precisava ser a mãe, a cuidadora, aquela que protege seu clã. Teria que responder ao patriarcado, e mesmo que se rebelasse, seria ainda refém de uma relação de poder.

Não podemos apontar o regime de verdade matriarcal como um lugar de liberdade para o sujeito-mulher, pois se o fizéssemos, estaríamos contrariando os estudos acerca da subjetividade, que afirmam que os sujeitos se constituem em meio as relações de poder que existem em qualquer esfera da ordem social, e que se não respondem a um regime, haverão de responder a outro.

O que difere Morgana, Viviane e Guinevere dentro da obra *As Brumas de Avalon*, é o fato de que mesmo tendo que se reportar aos regimes que as governavam, elas resistiam, e de certa forma, conjuravam um revide as relações de poder que lhes aprisionavam.

Ainda que Morgana estivesse presa aos juramentos feitos a Deusa, ela subvertia o poder do regime em nome do desejo e do amor e fugia da imposição e das regras do matriarcado, mesmo sabendo que poderia ser punida. Não obstante Viviane fosse serva de um poder maior, ela assumia as rédeas de sua vida, e, por vezes, decidia o próprio destino, imbuída de um senso de justiça que suplantava sua obediência. Guinevere, ainda que tenha se constituído como sujeito dentro dos ditames do patriarcado, e sendo também cobrada pelo regime de verdade matriarcal que a compelia a ser mãe, legitimando assim sua feminilidade, conjurava um revide ante as senhorias que lhe governam.

Morgana, Viviane e Guinevere resistem à opressão dos regimes de verdade, e subvertem, cada qual a sua maneira, as relações de poder que lhes são impostas.

Para que completemos nossa investigação acerca da constituição do sujeito-mulher, precisamos também da outra face da moeda, aqui representada pelo olhar do regime patriarcal. Exporemos através de fragmentos do *corpus* literário analisado na presente pesquisa, as perspectivas do regime de verdade patriarcal acerca do sujeito feminino

### 3.2 O sujeito-mulher na perspectiva masculina: o legado do patriarcado

“E por que o Rei me deveria dar, como se eu fosse um de seus cavalos ou cães?, pensou Morgana [...]. Vivera muito tempo em Avalon, esquecendo-se de que os romanos haviam criado essa lei, segundo a qual as mulheres eram propriedade dos homens.”  
(*As Brumas de Avalon – A Grande Rainha*. p, 99)

Dois grandes regimes de verdade se opunham na Idade Média. Um regime de verdade matriarcal, que colocava a mulher no lugar social de líder, de mãe, daquela que cuida e protege, e um regime de verdade patriarcal, repleto de dogmas falocracistas, dos quais se originavam vontades de verdade sobre o sujeito feminino, que delegavam ao homem uma posição de superioridade. Ambos possuíam poder sobre a mulher, que era sempre refém das relações de poder que constituíam tais regimes.

O legado do patriarcado perdurou através dos tempos, sendo um grande peso sobre os ombros femininos até os dias atuais. Porém, foi talvez na Era Medieval que esse regime assumiu força total, impondo às mulheres uma subserviência cega perante o mando masculino.

Em *As Brumas de Avalon*, Marion Zimmer Bradley denuncia o lugar social da mulher na perspectiva masculina, fazendo de sua obra um instrumento de protesto ante a sujeição, não apenas das mulheres do medievo, mas também (e principalmente) daquelas que em meados da década de 70, época de lançamento de *As Brumas*, bem como nos dias atuais, sofreram e sofrem pelas marcas deixadas pelas vontades de verdade do regime patriarcal.

Na Era Medieval, o homem dispunha do destino da mulher ao seu bel prazer, e o lugar do sujeito feminino era muito bem delimitado, quase nunca havendo margem para discordância, como podemos ver na SD abaixo:

SD14

“\_Só há dois **destinos** possíveis para Morgana. Ela deve **casar-se** com um homem que me seja indiscutivelmente **leal**, em quem eu confie. Ou, se eu não puder encontrar um **aliado** assim forte para **dá-la** em casamento, deverá ir para um **convento**...”  
(*As Brumas de Avalon – A Senhora da Magia*. p, 154)

Na SD14, é explícito o lugar da mulher perante as vontades de verdade androcentristas oriundas do regime patriarcal. Para Uther<sup>12</sup>, sua enteada Morgana não tinha serventia alguma. Era um estorvo, uma lembrança constante de Gorlois, seu antecessor e pai da menina. Ela representava também uma ameaça ao seu filho e à sua linhagem, então teria o destino comum à maioria das mulheres jovens daquela época: tornar-se moeda de troca para a junção dos reinos, trazendo mais um homem de confiança para a guarda do seu tutor ou ser atirada em um convento, na maioria das vezes a revelia.

Essa realidade era comum às mulheres numa época de dominância masculina. O regime patriarcal servia como alicerce para os ideais androcentristas, vontades de verdade desumanas que renderam ao sujeito feminino séculos de marginalização.

Quando não encontravam alguém leal e próspero o bastante para quem “vender” suas mulheres, os parentes homens as internavam num convento, onde seriam submetidas às vontades da instância religiosa, constituindo-se como sujeitos conforme os ditames do patriarcado, acostumando-se a não ter voz ou vez na hierarquia social.

No entanto, a prisão no convento não diferia em muito da vida conjugal, uma vez que, após o matrimônio, o sujeito-mulher deixava de ser propriedade do pai, irmãos ou parentes homens mais próximos e passava a pertencer ao marido, sendo apenas mais um troféu.

Em se tratando de beleza, vemos em *As Brumas de Avalon* uma gama de perspectivas masculinas, todas provenientes de um discurso falocrático, baseado nos postulados do patriarcado. Arquétipos cruéis de beleza que levavam à coisificação do sujeito-mulher, (e que podem ser vistos até hoje, na sociedade atual, bem como nos mostram as SDs abaixo:

SD15

“Não desejo mal a Morgana. Deus sabe que isso seria um desperdício de uma mulher bonita, e Morgana é bonita, apesar de sua língua afiada!” (*As Brumas de Avalon – A Grande Rainha. p, 18*)

---

<sup>12</sup> Uther Pendragon é o marido de Igraine, mãe de Morgana. É um homem poderoso, Rei da Bretanha e pai de Artur.

SD16

“\_ Pois eu acho que seria melhor mesmo dar Morgana a um homem mais velho. Ela não tem a beleza que atrai os homens mais novos...” (*As Brumas de Avalon – A Grande Rainha. p, 199*)

SD17

“\_ É estranho – comentou ele finalmente, numa voz tranquila e curiosa – Eu sabia que você era inteligente e sacerdotisa, mas nunca pensei que era bonita.” (*As Brumas de Avalon – A Grande Rainha. p,227*)

Na SD15, Lot, marido da tia de Morgana, afirma que a vê como uma mulher bonita, apesar de ter uma língua ferina. Morgana é temida por não se submeter ao patriarcado, uma vez que vive segundo o regime matriarcal. A sacerdotisa não se cala ante os homens, é forte e poderosa, possui o dom do vaticínio, o que para Lot a torna perigosa. Essa subversão do sujeito-mulher despertava no homem o medo e o desejo de vingança, levando-o a extremos bárbaros, no intento de “domar” o espírito feminino e submetê-lo ao julgo do regime patriarcal.

Na SD16 nos deparamos, mais uma vez, com o padrão de beleza torpe impetrado pelo patriarcado. Lancelote, junto com o Artur e outros cavaleiros, decidem a sorte de Morgana, promovendo uma espécie de leilão, cujo prêmio seria o matrimônio com a sacerdotisa.

Outra vez, expõe-se o papel da mulher na ordem social, sua sujeição, seu fardo. Lancelote julga melhor dar a prima a um homem já idoso, posto que Morgana não é dotada da beleza que atrairia os olhares dos jovens. Essa desumana afirmação mostra, de certa forma, o deslugar da mulher considerada feia, a inferioridade de seu espaço dentro da classe feminina, já imensamente oprimida e segregada.

A constituição do sujeito-mulher em meio a tais vontades de verdade apoiadas por um regime patriarcal forte e cruel cujos postulados eram hegemônicos, se dava de forma deveras espinhosa. O sujeito feminino possuía duas opções: constituir-se como sujeito seguindo o modelo demandado pelo patriarcado, legitimando todos os pressupostos e estigmas sobre ele lançados, ou rebelar-se contra a tirania masculina,



rompendo os paradigmas e atraindo para si punições hediondas, segregação e marginalização, quiçá a morte.

Muito além daquilo que é dito, a SD17 esconde mais uma vontade de verdade cruel acerca da mulher. As mulheres bonitas eram tidas como desprovidas de inteligência, uma vez que só precisavam entender dos trâmites para o cuidado do lar. Já aquelas consideradas feias pela sociedade e que não eram suficientes para os padrões masculinos acabavam não casando, e dedicavam suas vidas ao estudo, tornando-se marginalizadas e sendo caçadas e dizimadas por causa de um simulacro da verdade que as condenava ao exílio físico e moral.

A sexualidade é outro esconderijo para as vontades de verdade do regime patriarcal. A ideia de posse criada pelo homem acerca da mulher, alçava-o aos píncaros da leviandade, levando o sujeito-mulher ao extremo da subserviência, como faz-se notável na seguinte SD:

SD18

“Há um velho ditado entre os saxões que diz: o amigo é aquele a quem se **emprestaria** a mulher favorita e a espada favorita... O rosto de Gwenhwyfar queimava. Não conseguia olhar para nenhum dos dois.” (*As Brumas de Avalon – A Grande Rainha*, p, 265)

Vemos nessa SD o sujeito-mulher reduzido a um objeto, emprestado pelo Rei ao melhor amigo. Guinevere nutre uma paixão secreta por Lancelote, mas a renega por ser casada com Artur, mas, sob o mando do marido, ela se entrega a Lancelote.

Artur é o representante-mor do regime de verdade do patriarcado. É Rei, autoridade suprema, e como tal, faz o que lhe convier. A esposa, assim como todos os seus outros “pertences”, é mais um troféu a ser exibido. Artur cresceu no rude e desafiador mundo masculino e aprendeu desde cedo a legitimar seu lugar de supremacia.

Emprestar a própria Rainha ao amigo não é algo que o iniba, pois, as vontades de verdade instituídas pelo regime patriarcal, delegam a ele o domínio sobre Guinevere e o direito de fazer dela o que lhe aprouver. Portanto, o que é para a esposa uma sujeição, não passa para o Rei de um empréstimo de um de seus bens.

Talvez, seja essa uma das cenas da obra que mais representa a sujeição a qual a mulher era condenada. A visão objetificada do sujeito feminino permeia toda a construção de *As Brumas de Avalon*, mostrando, emblematicamente, o quão espinhoso

era o processo de construção de uma identidade para o sujeito-mulher, numa época em que a misoginia era latente.

Em se tratando da inteligência e da sabedoria, dons considerados hegemonicamente masculinos, podemos ver, com ainda mais pungência, a banalização do sujeito-mulher. Para o patriarcado, a mulher não possuía conhecimento e nem dele necessitava, pois, estava destinada aos serviços do lar.

Física e mentalmente subestimadas, as mulheres eram, perante os olhos do regime de verdade patriarcal, todas igualmente tolas e desprovidas de qualquer intelectualidade. O sujeito feminino era considerado pelo homem apenas uma aquisição necessária, uma compra feita para mitigar a pressão social, um investimento ressarcido com a servidão e sujeição da “escolhida”.

Porém, se o sujeito-mulher demonstrava quaisquer resquícios de inteligência, logo despertava a tirania masculina, como podemos ver nas SDs seguintes:

SD19

“-Você é uma mulher sábia, disse, e levantou a cabeça, olhando-a com um ódio invencível.- Gostaria que fosse uma idiota a quem eu pudesse desprezar, danação!” (*As Brumas de Avalon – A Senhora da Magia. p, 156*)

SD20

“\_Ora, então devemos conseguir-vos a mais bela do reino, e de mais alta linhagem.  
\_Não – discordou Cai – Como Artur diz, com muita sensatez, que todas as mulheres lhe são iguais, o melhor é procurar a que tenha o maior dote.” (*As Brumas de Avalon – A Senhora da Magia. P, 264*)

Na SD19, Uther expressa todo o seu desagrado ante a inteligência e perspicácia de Viviane. O lugar de poder ocupado pela cunhada desperta no Pendragon um ódio frio e latente, que o faz se sentir ludibriado. Viviane não se deixa subjugar pelo representante do patriarcado, e sua resistência configura uma afronta ao regime de verdade patriarcal, cujas vontades de verdade constituíam um sujeito masculino superiorizado e não acostumado a ser desafiado pelas supostas fragilidades e condescendências femininas.

Para Uther, todas as mulheres são idiotas manipuláveis, vontade de verdade que perdura até o momento em que Viviane rompe os paradigmas e desafia o dogma

falocracista e conservador, subvertendo o regime e abandonando os pressupostos acerca do intelecto feminino.

A coisificação do sujeito-feminino é extremamente presente na SD20. Os cavaleiros negociam a “aquisição” de uma mulher para Artur, que precisa de uma rainha para lhe dar herdeiros. Porém, seu irmão de criação, Cai, refuta o ideal de beleza em favor de um enlace mais proveitoso e lucrativo, optando pela escolha da donzela que tiver mais riquezas a oferecer.

Artur, bem como seu pai, legitima os postulados do patriarcado, reiterando a máxima de que toda mulher é igualmente manipulável. Essa visão misógina era comum no medievo, bem como também o é hodiernamente.

O olhar superior do gênero masculino perante o sujeito-mulher é um legado que reverbera os discursos de todo um regime de verdade. O lugar de poder e dominância cujo homem legitima como seu, através dos postulados do patriarcado, resiste desde os primórdios da humanidade, impingindo marcas indeléveis na história feminina.

A hegemonia masculina, por eras, postulou os paradigmas da construção identitária do sujeito-mulher, ditando as regras para sua constituição. No entanto, mesmo vitimadas por uma violenta supremacia masculina, as mulheres resistiram e subverteram os códigos e o regime de verdade patriarcal, quebrando os estigmas e lutando por seu lugar na ordem social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a leitura de *As Brumas de Avalon* e da análise das personagens Morgana, Viviane e Guinevere, ao nosso olhar, torna-se compreensível a difícil luta por trás da construção da identidade feminina. Na Era medieval, a mulher era, de certa forma, obrigada a constituir-se como sujeito a partir dos ditames dos regimes de verdade, e quando se rebelava, era condenada e punida, sob acusações covardes.

O comportamento misógino dos representantes de um regime de verdade fundamentado na supremacia masculina, tornava ainda mais espinhoso o caminho para a construção da identidade feminina, uma vez que o sujeito-mulher tinha sua liberdade interdita e vivia sob o governo do patriarcado, impedido de buscar uma identificação, um pertencimento.

As cobranças do regime matriarcal também atravancavam o caminho feminino para a legitimação da subjetividade da mulher, pois, mesmo quando era livre do mando masculino, o sujeito feminino era obrigado a obedecer às regras do regime do matriarcado.

A exposição desses abusos, dos malefícios causados por vontades de verdade cruéis e da imposição de padrões excludentes estão presentes em todo o desenrolar de *As Brumas de Avalon*. Marion Zimmer Bradley fez de sua obra um instrumento de denúncia mordaz.

Por ser um espaço eivado de simbologias, a literatura possui o poder de expor a constituição dos discursos, seu peso, sua temível materialidade. Através do discurso literário, vemos a formação das vontades de verdade de cada época da história, vontades que enfatizavam a submissão e a opressão do sujeito-mulher, não importando qual regime de verdade as governava, pois a literatura não nega a história, ela a reexamina.

Através dos discursos construídos na obra de Marion Zimmer Bradley, vemos a revelação do lugar de inferioridade relegado à mulher, a misoginia da qual o sujeito feminino é vítima, desde os primórdios da história humana até a contemporaneidade, a obediência ao matriarcado que cobra a legitimação de sua feminilidade através da maternidade e da aceitação do lugar de cuidadora do lar.

A saga d'*As Brumas de Avalon* foi lançada em meados da década de 70, época na qual o levante feminista lutava pela criminalização do preconceito contra a mulher. O

surgimento no cenário literário, de uma obra de autoria feminina, que reconta uma lenda saxônica primordialmente masculina em uma perspectiva inovadora, narrada por mulheres de suma importância na trama, mulheres cujas “vozes” são retumbantes e cujos perfis desafiam os padrões, foi, sem dúvida, um grande choque para a sociedade e seus dogmas.

As mulheres por trás das *Brumas* são sujeitos que desafiam as regras, causando rupturas significativas nos paradigmas postulados por discursos baseados em regimes de verdade poderosos, que controlavam a constituição do sujeito feminino.

Morgana, Viviane e Guinevere, tríade escolhida para compor o objeto de estudo da presente pesquisa, subvertem, cada qual a sua maneira, a ordem vigente em sua época, desafiando o poder do regime de verdade patriarcal, bem como as regras do regime de verdade do matriarcado, ainda que sob o peso das punições advindas das instâncias superiores.

Morgana, é poderosa e inteligente, não teme os homens e nem depende deles. Mesmo presa as relações de poder presentes no regime de verdade matriarcal que a governa, Morgana é o símbolo do levante contra a sujeição imposta à mulher, da fuga de um lugar de segregação que por muitos séculos aprisionou o sujeito feminino.

Viviane é sábia, dona de uma sexualidade concisa e liberta de neuroses ou pejos. A Senhora da Magia é a representação de um novo tipo de sujeito feminino, que não teme o patriarcado e que subverte os postulados por tanto tempo cristalizados na ordem social, que se rebela ante as regras do regime matriarcal e conjura um levante contra as relações de poder que a aprisionam.

Guinevere, mesmo sendo vítima do poder nefasto dos discursos da esfera androcentrista, e tendo se constituído como sujeito a partir dos ditames do regime patriarcal, abandona os pressupostos em nome do amor. Mesmo sendo constantemente cobrada pelo matriarcado a se legitimar como mãe, a rainha empreende uma fuga das leis que lhe governam. É o despertar de Guinevere para o desejo sexual e sua conscientização ante suas necessidades, uma das cenas mais emblemáticas de *As Brumas de Avalon*, um estandarte imponente da subversão do sujeito-mulher, que sai do lugar que lhe é imposto, que afronta a tirania vigente em sua época.

É na comparação entre os olhares femininos e masculinos acerca da constituição do sujeito-mulher que encontramos aquilo que diferencia as mulheres das *Brumas* dos estereótipos femininos alimentados pelas vontades de verdade.

A despeito do crivo dos padrões vigentes em sua época, Morgana, Viviane e Guinevere encontram subterfúgios para driblar a ditadura medieval, encontrando para si um lugar de pertencimento. São sujeitos femininos cuja constituição subverte os regimes de verdade e as relações de poder, sublimando o deslugar das mulheres na ordem social e abandonando o estigma de inferioridade que por eras as perseguiu.

Embora nossa análise se estenda sobre três personagens ficcionais, advindas de um romance de estilo medieval e que representam uma era já passada. é possível ver que as intempéries do tortuoso caminho rumo a construção de uma identificação ainda são as mesmas para o sujeito feminino. Ser mulher é, mais que nunca, uma luta diária, uma escalada milimétrica ao topo da sociedade, após anos de segregação ao seu sopé.

Ainda que saibamos que não há uma liberdade total para os sujeitos, uma vez que todo indivíduo é refém das relações de poder que perpassam sua vivência e que são comuns a todas as esferas da ordem social, surge-nos o entendimento de que um revide contra o poder dos regimes de verdade é possível.

Morgana, Viviane e Guinevere representam a subversão, ante os ditames do patriarcado e as regras do regime de verdade matriarcal. Embora sejam personagens de ficção, a tríade feminina mais importante de *As Brumas de Avalon* é composta por mulheres vanguardistas, que subverteram o sistema e sobreviveram nas épocas mais acres da humanidade, bem como muitas outras mulheres de carne e osso, cuja coragem quebrou os pressupostos ao redor do mundo. Mulheres como Maria de Nazaré, Joana D'arc, Margarida Maria Alves, Dorothy Stang, Maria da Penha e tantas outras que lutaram e resistiram ao longo da história.

Essa resistência transmuta-se na esperança de equidade para o sujeito-mulher perante a ordem social, e nos mostra que a semente da igualdade, cultivada com esmero por um longo tempo, cresce e frutifica, anunciando o limiar de uma nova era feminina. Era na qual a dominância do patriarcado já não possuirá força suficiente para impedir que a mulher seja quem e o que desejar.

Era na qual as regras do regime matriarcal serão subvertidas por mais mulheres, cuja força romperá os paradigmas acerca de sua subjetividade.

Era na qual o sujeito feminino haverá de alcançar seu merecido lugar, legitimando a força de Morgana, Viviane e Guinevere, três mulheres que, embora personagens de ficção, foram e sempre serão tão fortes quanto seu grito de resistência.

## REFERÊNCIAS

BACCEGA, Maria Aparecida. **A construção do “Real” e do “ficcional”**. In. Comunicação e Análise do Discurso. São Paulo: Ed. Contexto, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi/ Zygmunt Bauman**; tradução, Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BRADLEY, Marion Zimmer. **As Brumas de Avalon: A Senhora da Magia**. Trad. Waltensir Dutra, Marco Aurélio P. Cesarino. Rio de Janeiro: Imago, 1985.

BRADLEY, Marion Zimmer. **As Brumas de Avalon: A Grande Rainha**. Trad. Waltensir Dutra, Marco Aurélio P. Cesarino. Rio de Janeiro: Imago, 1985.

DUBY, Georges e PERROT, Michele. **História das Mulheres no Ocidente**. Vol. 5. São Paulo: Ebradil. 1991.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Trad. Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. 5 ed. São Paulo: Loyola, 1999.

\_\_\_\_\_. O sujeito e o poder. In.: **DREYFUS. H. e RABINOW, P. Michel Foucault: uma trajetória. Para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense, 1995.

\_\_\_\_\_. Verdade e poder. In.: **Microfísica do poder**. Trad.: Roberto Machado. 14 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

\_\_\_\_\_. **A arqueologia do saber**. (tradução de Luis Felipe de Baeta Neves). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

\_\_\_\_\_. **Do governo dos vivos: curso no Collège de France**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. Trad. Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.



GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso – diálogos e duelos**. São Carlos: Claraluz, 2004.

GOFF, Jacques Le. **A civilização do Ocidente Medieval**. Lisboa: Editorial Estampa, 1983.

GOFF, Jacques Le. **A civilização do Ocidente Medieval. Vol.2**. Lisboa: Editorial Estampa, 1984.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**/ Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro – 7. ed – Rio de Janeiro: DP&A. 2002.

INDURSKY, Freda. **A análise do Discurso e sua inserção nos campos das ciências da linguagem**. In: \_\_\_\_\_ E. FERREIRA, Maria Cristina Leandro (orgs.). São Paulo, 2007.

GAMA-KHALIL, Marisa. **O espaço metamorfoseado da literatura**. In: MILANEZ, Nilton e GASPAR, Nádea Regina. **A (des)ordem do discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.

KRAMER, Heinrich. ; SPRENGER, James. **O martelo das feiticeiras**. Trad. Paulo Fróes. Rio de Janeiro, RJ: Record: Rosa dos Tempos, 2000.

LEON, Vicki. **Mulheres Audaciosas da Idade Média**. Rio de Janeiro: Record/ Rosa dos Ventos, 1998.

LOURO, Guacira Lopes **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**, Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1997.

MACEDO, José Rivair. **A mulher na Idade Média**. – 5.ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2014.

MAGALHÃES, B. **Discurso, arquivo e literatura**. Rio de Janeiro: 7letras,2011.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Sobre verdade e mentira**. Org. e trad. Fernando de Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 2007.

ORLANDI, Eni Puccineli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 4 ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

OLIVEIRA, Maria Angélica de; PINHEIRO-MARIZ, Josilene. **Era uma vez a constituição do sujeito mulher:** jogos de verdade e relações de poder em contos. In: SINALGE, 2009. II SIMPÓSIO NACIONAL LINGUAGENS E GÊNEROS TEXTUAIS. Campina Grande: UEPB. 2009.

POSSENTI, Sírio. **Os limites do discurso:** Ensaio sobre discurso e sujeito. 2 ed. Curitiba: Criar, 2004.

POSSENTI, Sírio. **Questões para analistas do discurso.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

RODRIGUES, Rosângela. **Mulheres e amores em ficções de autoria feminina /** Rosângela Rodrigues. – Campina Grande: EDUFPG, 2016.

VEYNE, Paul. **Foucault:** seu pensamento, sua pessoa. 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

ZUMTHOR, Paul. **Falando da Idade Média.** / Paul Zumthor; tradução Jerusa Pires Ferreira. – São Paulo: Perspectiva, 2009.